

O homem ocupa a Terra há milhares de anos. Animais e plantas podem viver algumas dezenas de anos. Por quanto tempo mais ainda habitaremos a Terra? Essas questões demandam demonstrarmos alguns conceitos diferentes de tempo: o tempo histórico, o tempo que vivemos e o tempo futuro. O que é o tempo? Simplicadamente, poderíamos definir tempo como uma reação primitiva própria do homem, utilizada para medir e descrever a frequência de alguns fenômenos naturais, como o dia, as estações climáticas e as fases da lua. Existe também o tempo psicológico, uma reação abstrata e que varia de acordo com a individualidade do ser humano.

Estudar o tempo passado, histórico, significa entender como nossos ancestrais viveram, de que forma eles lidaram com as adversidades de sua época, e aprender com eles. Implicante, quase nunca temos uma versão neutra e objetiva dos acontecimentos. A história é registrada do ponto de vista dos dominantes, nunca dos dominados. Dessa forma, a classe dominante molda os fatos passados de acordo com seus interesses, muitas vezes distorcendo e omitindo algumas situações.

Grande parte da sociedade não se conscientiza da importância do passado; mas nem por isso deixa de ser um agente histórico de seu tempo. A mentalidade imediatista, que reduz o tempo presente, considera irrelevante os fatos passados e afirma somente a modernidade e a rapidez das mudanças. Essa é uma forma de pensar preocupante, pois quem não se importa em conhecer e aprender com o passado, tampouco irá se preocupar com o legado para gerações futuras. Interessado nos resultados imediatos, na rapidez das telecomunicações, nos avanços da Medicina e da energia nuclear, o homem pôde errar, desmatar colinas, matar animais e destruir sua existência futura.

Curiosos. Fósseos. Bigfoot. Esses são exemplos de involuntários usados para tentar prever o futuro, muito mais impressionável. É a imprevisibilidade do tempo futuro que leva o ser humano a ter, muitas vezes, atitudes irresponsáveis e a se afundar no tempo presente. O pensamento humano de que a Terra será sempre habitável, não importando o quanto a humanidade está errada e, após décadas de poluição e destruição, o homem está tomando consciência disso. É errado pensar que ainda temos muito tempo futuro para corrigir nossos erros, enquanto sociedade, e, por isso, podemos optar pelo pragmatismo de destruir, de forma produtiva, o nosso habitat em favor da nossa economia.

A sociedade é fruto de uma evolução lenta da qual o homem é o único e principal agente. O tempo e seus diferentes conceitos acompanham essa evolução, podemos até afirmar retrospectivamente, que o homem individualmente é um quão de ansiedade na evolução da sociedade e o tempo é o responsável pelo acúmulo de ansiedade - evolução - no fundo da compulsação. Não podemos nos prender em uma única concepção de tempo para vivermos. Devemos olhar para trás, no passado, e aprender com os erros e acertos de nossos antecessores para aproveitarmos o nosso tempo presente da melhor forma possível; mas sem nos esquecer de aprender a sobrevivência das futuras gerações.

O tempo e sua busca

Como conceber o tempo e interpretá-lo parece sempre ter sido objeto de especulação pelo homem-homem; seja na mitologia, literatura, filosofia ou na ciência moderna. Os textos apresentados ~~em~~ mostram uma síntese dessa reflexão se se perceber o tempo nas suas próprias dimensões de passado, presente e futuro.

O passado assume para o historiador Eric Hobsbawm uma fonte ~~de especulações científicas~~. Para ele, o olhar para trás e captar o real, na perspectiva do materialismo dialético, elucidada e constrói o presente, no que ~~entendido~~ ^{entrando} ^{interpretando} dessa forma, "em foco" é apropriado pelo entendimento.

O dia-a-dia, o terra-a-terra, o hoje pragmático de Herberto Linhares lembra o existencialismo do início do século passado a despojar-se da "essência" das coisas ou dos ^{os} modernistas no elogio às máquinas, à velocidade, aos tempos modernos. Soa isso um tanto ultrapassado, já que vivemos num mundo da multiplicidade que não admite a visão concentrada, o cerceamento do pensar, do inventar.

O futuro se instala na canção de Chico como uma negação do tempo. Não uma negação do presente ou passado, mas esses como uma alegoria, já que o futuro é uma abstração, um alvo no qual as aspirações buscam uma fuga das ansiedades e frustrações.

O tempo é real ou psicológico, é avesso ou reto, é absoluto ou relativo? Se olharmos para o que passou, temos dúvidas; o presente é fonte de ansiedades ou preocupações; o futuro uma ilusão a ser perdida. Mas de qualquer forma, o tempo não pode ser categoria para o entendimento. É incrível de se imaginar que nossos antepassados, no ~~era~~ ^{se} paleolítico, levavam dezenas de milhares de anos apenas para aperfeiçoarem uma simples ferramenta de pedra; em contrapartida, uns poucos anos desde a invenção do atômio foram suficientes para levar o homem à lua. O tempo é, pois, um conceito a ser reinventado. Devemos prender ~~nos~~ a essa nova noção o nosso olhar, o nosso caminhar pelo mundo, o beijo na pessoa amada — que é sempre tão curto!

Éra uma vez...

É reiterada a prática de nos referirmos ao Tempo como um ente animado e sobre-humano, capaz de ministrar ensinamentos, numa perspectiva mais romântica curar touros pungentes, e, ainda, justificar a não-satisfação de uma atividade inconvenientemente indesejável e mesmo a não-contemplação de pequenos espetáculos da vida. Mas o que seria o tempo senão uma criação humana para delimitar seus erros e vitórias pretéritas, suas angústias presentes e a sua esperança no que se está por empreender?

Parece-nos ininteligível intrometer na história, no tempo passado, um fio condutor habitado a conectar seus acontecimentos e atribuir-lhes logicidade. Igualmente é difícil constatar eficácia na prática de impor ao tempo uma grande carga simbólica, tornando-o um agente apto para orientar nossas experiências presentes e futuras, de maneira a assegurar que as falhas e barbarias alongadas nas páginas da história não mais se repitam. Verifica-se que o emprego deste artifício não obsta a reiteração de atrocidades e, ademais, a atribuição de tal natureza sobre-humana ("o grande mistério") ao tempo pretérito constitui pedregoso instrumento de difusão da irresponsabilidade e banalização dos erros já cometidos. Não se compreendem as ações humanas presentes voltando-se para o passado, posto que estas encontram espelhos nas vicissitudes individuais, e não no fato de consistirem no suposto desdobramento de um lapso temporal delimitado-determinado.

O tempo é, então, o agir humano hoje e agora, a satisfação dos anseios pessoais que não se submetem a critérios de logicidade de se arroja pretensões ao magisterio. As justificativas de hoje perdem sua plausibilidade quando analisadas em uma retrospectiva e não cumprem seu papel quando se mira o futuro. Jogar com o futuro, criar compromissos intergeracionais que condicionem a atuação humana corrente, é sempre arriscado, visto que se lida com a refusa silenciosa de um padrão lógico a pautar o comportamento humano. Deste modo, não se pode atribuir ao tempo futuro a função de ente orientador da atividade presente, responsável por dignificá-la ou vendrá-la. As aspirações humanas demandam sua imediata satisfação, não se curvando a juízos de reparabilidade que tenham o tempo futuro por parâmetro.

Assim, o tempo nada mais é do que o homem agindo no presente. O tempo passado não tem o condão de servir como grande instrutor responsável pela explicação das conjunturas atuais, prestado-se mais à função de alegoria a colorir contos e histórias do que ente capaz de reprimir o ímpeto humano diante do que se imagina necessário. E o futuro, este se fez campo das especulações e habitat da esperança, mas não baliza verdadeiramente a atividade humana, de modo excessivamente imediatista. O tempo é, deste modo, o dia-a-dia que se aglutina de maneira caótica, com contatos irreptíveis e impassíveis de justificação em momento distinto do agora.

○ prender das horas

O tempo sempre nos prende de alguma forma; seja quando estamos esperando ele passar, seja quando ainda seguimos as conseqüências do que já se foi. De qualquer maneira, o tempo nos fascina, preocupa, intriga. Como entendê-lo, controlá-lo e associar o passar de horas, horas com tudo que acontece na nossa vida?

Existem inúmeras formas de se relacionar com esse conceito; alguns vivem apenas o presente, usufruem de tudo como se fosse pela última vez, ignoram o relógio e não percebem relações entre as épocas; existem outros que vivem baseados no passado, tudo não passa de conseqüências e continuações e o pensar das horas nada mais é que um acúmulo de passado que de alguma forma não interfere no futuro e emoldurá-lo; e existem outros, mais propensos, que se julgam controladores do tempo, tentam moldá-lo conforme suas necessidades, inventam, acrescentam e acabam sempre fugindo do que realmente acontece.

Independente da maneira que encararmos o tempo, ele nos assusta, pois não podemos controlá-lo e nem evitá-lo. Ficamos velhos, vivemos alegrias e tristezas, vemos o novo se sobrepôr ao velho e um dos melhores meios de encarar isso sem sofrer excessivamente é fazer tudo com um grande prazer, nos conscientizando que esses prazeres serão poucos do que está por vir.

Impossível não relacionar épocas, ignorar o passado. Tudo que aprendemos alguém teve que ensinar e nos ensinar. Fala, escrita, tecnologia. Frutos de estudos que não se prendem apenas a uma pessoa ou um período. Foram aprimorados ao longo do tempo, repassados, estudados. E não precisamos ir tão longe para lembrarmos como o passado nos toca; a maneira e o lugar onde fomos educados quando criança, as companhias, influências, estilos. Tudo, de certa maneira, nos molda e sofre nos efeitos até hoje.

Além disso, o futuro nos preocupa. Fazemos planos, nos propomos, adquirimos compromissos e torce para enfrentá-lo. Sem a intenção tentar mudar o tempo ou viver sem encará-lo. Tudo se interliga e interliga: nesse passado como pilares, nesse presente como possibilidades, aprimoramentos e nesse futuro como espera, planejamentos.

Não temos que temer o tempo, ignorá-lo, tentar mudá-lo e nem viver dele. Somos a soma da vida de experiências e sempre teremos espaço para receber novas influências ao longo do tempo. A consciência consciente de que somos reflexo do que passou e que podemos preparar, moldar nosso futuro nos tranquiliza, faz com que aproveitemos melhor o tempo e não o encarremos apenas como o interminável rodar do relógio.

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

Existe, de fato, uma concepção definitiva a respeito do tempo e suas dimensões? De, aos olhos de uns, o passar dos dias representa, acima de tudo, a submissão instantânea dos coisas, na opinião de outros pessoas o tempo constitui um apêndice para a reflexão e aprimoramento, de- usando portanto ser encarado não somente como instrumento de transição, mas também como a mais natural dos dinâmicos de aprendizagem do ser humano. Há, ainda, quem leu que, em suas vivências, esqueça-se da transitoriedade dos instantes.

É evidente que ~~se~~ ao longo do processo de formação histórico-cultural, a base ideológica a respeito da questão temporal sofreu, e sofre, significativas transformações. Se é possível remontar ~~se~~ aos dias de hoje, parâmetros surgiram com tal força no meio social que induziram mudanças conceituais, como pode ser observado mediante as diferentes facetas atribuídas ao tempo pelos autores dos textos de apoio. De, de acordo com o depoimento de Herbert Simons, a imutabilidade da dimensão das relações humanas, diretamente ligada à modernização progressiva, tornou coerente a fragmentação de passado, futuro e presente, enfatizando a vivência instantânea do cotidiano; o historiador Eric Hobsbawm reconhece, por sua vez, a importância do "sentir" na construção de um povo, conformado social ou cultural, assim como no aperfeiçoamento individual e coletivo da humanidade. Hobsbawm, entretanto, critica o modo com o qual a história é tratada nos dias de hoje (meio instrumento, por vezes deteriorado em vista de ~~de~~ objetivos e aspirações momentâneas).

Vere-se destaca também o ideário explicito por Chico Buarque em sua composição. Malgrado a transitoriedade da vida de cada ser ~~humano~~ humano, Buarque privilegia a atemporalidade do sentimento e do próprio interior de cada um utilizando-se do amor como exemplo, para o compor, o tempo é apenas um detalhe, sendo a existência do ser humano uma coisa mais relevante, metafísica, diretamente ligada ao "sentir".

Não se pode deixar de evidenciar a coerência das ideias explicitas nos três textos, os quais são sustentados por argumentos ~~firmes~~ firmes, embora relativamente distancados, em âmbito filosófico. No entanto, Eric Hobsbawm, em sua dissertação, apresenta uma problemática evidente, não só relativa à contemporaneidade, mas às gerações futuras. O tempo passa do, antes do mais nada, deveria ser utilizado de forma construtivista, que seja na conexão de anos, que seja na aprendizagem mútua. Acima de tudo, o historiador deveria clamar que é necessário tratar a ~~de~~ dinâmica do tempo de maneira mais uniforme e justa; além disso, assim, a mais abrangente e racional das concepções de tempo dispostas, na qual passado, presente e futuro têm inter-relações mútuas, racionais e benéficas.

O que seríamos hoje ?

Percebemos no mundo atual três correntes, ideias sobre a concepção do tempo. A mais perniciosa visão romântica, otimista, do futuro, "deixe-o vir". Uma visão mais realista, valorizando o modelo greco-romano, o "carpe diem", aproveite o hoje, o momento, cada dia, no qual o passado não exerce influência. E por último a visão dos historiadores, dos economistas na qual uma análise cuidadosa do passado, pode revelar importantes traços e influências no presente, acreditam que fatos passados possibilitam o entendimento do mundo contemporâneo.

São concepções pessoais, uma não inclui a outra e qualquer um tem o direito de acreditar na que julgar mais conveniente. Mas assim como a velha discussão da origem da vida, "Deus ou a teoria do Big Ben", a ciência cada vez mais nos mostra a relação de causa e consequência e evidência com comprovações científicas e históricas, qual a mais movável.

A evolução tecnológica mostra-nos a importância do passado no nosso atual estágio de desenvolvimento, afinal o que seria da tecnologia se no passado não tivéssemos os trabalhos dos grandes inventores e pesquisadores: Ariston, Newton, Faraday, Michelangelo. Onde estaria hoje a internet se não fosse o velho e bom telefone. Ah, e o capitalismo financeiro, este não existiria se não fosse o capital do mercantilismo e da velha revolução industrial.

Já nosso passado mostra-nos a origem, a causa de nossas condições de países subdesenvolvidos, através do colonialismo de exploração. Os fatores da grande concentração de renda estão no passado, devido a base agrícola nos grandes latifúndios, na monocultura, na oligarquia cafeeira. Falando nessa época, o trabalho escravo negro é lembrado, trazendo aos dias atuais o forte preconceito contra esta raça.

Agora tomemos como base a atual eleição do nosso presidente Luis Inácio, como teríamos o direito de votar no nosso representante se durante o modo de produção escravista na Grécia, pessoas não tivessem formado as bases da nossa atual democracia.

Até para os fatos mais recentes como o de "Lula" há uma causa, para toda causa uma consequência, algo que permitiria que isso ocorresse. Levemos em consideração neste caso também, o estado psicológico e social da população brasileira.

E assim como bons economistas estudam a natureza dos negócios e o passado das empresas antes de investirem seus preciosos capitais, devemos observar nossos atos e fatos passados para controlarmos e "descobrimos" nosso presente e suas possíveis consequências num futuro talvez não muito distante.

Discussão do tempo

O tempo, que é uma concepção abstrata, pode ser definido e relacionado de diferentes formas. Hoje em dia, no mundo moderno, vemos que a maioria das pessoas tem uma relação de inconformismo com o tempo devido à sua passagem extremamente rápida, e o consideram uma preciosidade em razão das inúmeras atividades em que estão envolvidas, mas há outras que defendem que o tempo não deve ser encarado como um dominador, e há outras que dizem que o tempo deve ser uma fonte de estudos.

A passagem do tempo é considerada por alguns, uma forma de entender e até de solucionar os problemas do presente ou que serão encontrados no futuro. Para as pessoas que defendem essa concepção de tempo, a História de alguma forma se repete em diferentes contextos, ou seja, em diferentes épocas a humanidade toma o mesmo rumo e as consequências dessa decisão podem até ser previstas.

Por outro lado, há os que se opõem totalmente a isso. Para essas pessoas, que se vêem subjugadas pelo tempo, a passagem do tempo não altera o presente nem o futuro, é o que realmente importa é o agora e o acompanhamento das velozes mudanças que ocorrem no mundo moderno.

E existem ainda aqueles que se opõem à importância dada ao tempo presente, defendendo uma maior tranquilidade ou não-dobragem em relação ao tempo, mas que também se opõem à tentativa de compreender o presente através do passado, argumentando que é uma tentativa em vão.

Entretanto, os que defendem que o passado nos ajuda a entender o presente têm um argumento muito forte, que é a análise da História. Com ela podemos realmente notar que certas decisões, mesmo em diferentes contextos, têm consequências muito semelhantes. Além do mais, é insensato dizer que fatos ocorridos no passado não afetaram o presente, pois seria o mesmo que dizer que o aparecimento de uma doença não está relacionado com o comportamento de risco e que uma pessoa esteve submetida

Portanto, apesar de ser importante o agora e a não-alienação em relação às constantes mudanças que nos cercam, não se deve desmerecer o passado e o seu estudo deve ser mantido para que possamos resolver alguns problemas que nos afligem atualmente.

Dialético temporal.

Ao nos confrontarmos com a realidade, buscando um melhor entendimento do mundo, deparamo-nos com a seguinte questão: a que se deve essa realidade e como mudá-la? Entretanto a resolução dessa questão depende de como concebemos o tempo: de forma saudosista, imediatista ou utópica.

Há os que olham para trás para entender melhor o que se passa hoje. A História tem muito a nos ensinar através dos erros que já cometemos e mostrando como chegamos até aqui. Mas, aos que olham somente para trás, escapam as sutilezas do mundo ~~contemporâneo~~, do Jato, o Passado ensina muito, mas não aponta as saídas e soluções que buscamos.

Há quem viva somente o dia de hoje. Buscando satisfazer necessidades imediatas legiões de pessoas vivem (sobrevivem) numa rotina frenética, fragmentada e julgás de pequenas coisas pequenas. Como em nenhuma outra época da História, dispõem de ferramentas, acesso à informação, facilidade para se comunicarem e para se locomoverem; mas pela desfeita dessas facilidades, não sabem o que buscam.

E há a Utopia. Qualidade dos senhores e horizonte do Futuro, quanto mais nos aproximamos dela, mais ela se afasta de nós e, assim, nos mostra sua principal razão de ser: continuarmos seguindo em frente. Mas o Futuro só não basta, ele é apenas o resultado do que construímos no Presente com base no que compreendemos do Passado.

Assim chegamos a uma conclusão: a correta concepção do tempo e, por consequência, a compreensão da História não reside no Passado, no Presente e nem no Futuro, mas sim na síntese dos três, que chamamos de Realidade.

O tempo de cada um

A relação do homem com o tempo sempre foi conflituosa, repleta de interpolações e fonte de grandes discussões. Entretanto, vivendo em uma sociedade que supervaloriza o tempo e sua capacidade de produção, a utomada desse assunto é de grande importância para a reflexão humana sobre os rumos que essas relações estão a tomar.

Entender o mundo para torná-lo melhor é o ideal. Contudo, diz-se que a História repete-se como farsa e seu entendimento, portanto, pode ser ~~um~~ vital à compreensão do mundo. A relação do homem e o passado é uma grande ferramenta para nos auxiliar a construir um presente e imaginar um futuro.

Mas nos dois últimos séculos, em especial no século XX, vive-se uma expansão tecnológica sem precedentes e que alterou fortemente as relações do homem com o tempo. As viagens encurtaram, começou-se a produzir muito mais rapidamente e a viver em um ritmo frenético. O presente ganhou uma importância extrema e quem não o acompanha está à margem do que chamamos de sociedade moderna. Porém, apesar de muitos acompanharem muito bem a velocidade dessa transformação, a maioria das pessoas ainda está longe de entender uma outra dimensão do tempo: o tempo humano.

Diante de tantas concepções analíticas e práticas do tempo, a subjetividade da percepção do tempo do próprio homem perde forças em um mundo do minuto pela novidade. O homem que passa horas divertindo-se com seu filho e tem a impressão de que se passaram minutos, os internautas minutos que passam sem nome, ou mesmo um onça que renasce desastrosamente após dezenas de anos atestam a mutabilidade do tempo humano. E se esse é o tempo em que nós realmente vivemos, por que devemos tanto retornar o passado procurando explicações ou viver em função dos batidos cronometrados das relações digitais?

É certo que o tempo tem grande importância na vida humana. É verdade que entender o passado nos ajuda a compreender o mundo. É verdade que os segundos passam, os coisas mudam e devemos acompanhá-las. Mas também é verdade que, antes de tudo isso, devemos parar e compreender o nosso próprio tempo. Ele nos dará eternidade, ou apenas um "flash" de emoções, se quisermos.

lavado, presente e futuro: nem tão longe assim

Ans paravam, saudades ficam e o tempo não para. Briligar, decepções, felicidade, sofrer estes sentimentos encobertos por este lavador de tantas situações. Lavador que envolve o presente, que planeja o futuro, uma interligação essencial, mas nem sempre aceita. O tempo envolve-nos e passa, sem deixar tempo para pensarmos em nada, em nós e nem mesmo nele: a fugacidade da vida, a continuidade do tempo, o desenvolvimento do mundo.

dão discussões e mais discussões, blocos de pessoas dividem-se e emergem pontos de vista diferentes. Alguns acreditam que o passado é refletido por nós de acordo com nossos objetivos de vida, outros acreditam que o presente é único e totalmente independente do passado e do futuro e ainda há um terceiro bloco que prefere acreditar numa interligação essencial entre presente, passado e futuro, que faz do tempo uma linha mais contínua, sem rupturas.

Com certeza, uma continuidade existe, o tempo aproxima fatos distantes. Lede ser que nem tudo o que aconteceu há anos, séculos ou milênios, tenha influenciado o presente, mas muito do que vemos e temos hoje é baseado em nossos antepassados e assim tudo continua, eles nos influenciaram e nós influenciaremos os próximos, determinando aos poucos o futuro.

Assim, o tempo é um acúmulo de conhecimentos de diferentes gerações, os anos paravam, muitos se vão, mas, apesar disso, os conhecimentos ficam e são utilizados para a atual pesquisa da geração que também desenvolverá conhecimentos novos que serão deixados para uma seguinte turma de pesquisas e pensadores. Acontecimentos passados não sendo refletidos em função do presente, caminhando utilitariamente para o futuro. Tudo desenvolve através de uma mistura, há fatos passados reformulados, há fatos novos, há descobertas, basta saberemos misturar tudo isso de uma forma clara e correta para as próximas reformulações, quando o mundo já estiver um pouco mudado.

Com base em tudo isso, parecemos que uma forma útil e interligada do tempo faz-nos mais esperanças e redutores para a vida. O que não aconteceu no passado poderá ainda acontecer no presente ou até, se não for assim, no futuro. Cada um de nós planeja seus conhecimentos e se desenvolve para uma melhor vida, sempre na fugacidade mas, ao mesmo tempo, continuidade do tempo.

É um desvanecer de eras

O tempo é complexo e filosófico. Não se sabe ao certo quando começou e nem quando terminará. Sua passagem é ainda mais abstrata. Lenduz as pessoas e as eras em linhas tortas, até curvas. E, talvez, a diferença entre humanos e outros seres vivos seja exatamente porque os primeiros tendem explicar o tempo. Há quem diga que "tudo passa, tudo sempre passará" - os hulus, e quem discorda, porque "nem milhões de anos luz podem mudar e que alguns segundos podem representar" - os Somy.

Os conceitos do tempo e sua passagem adotados mudariam ao longo da história. Na Grécia antiga, por exemplo, acreditava-se que o tempo era um Deus e que o futuro (destino) era tecido pelas Moiras. Hoje, outras "teorias", diferentes das gregas sobre essa companhia que não dorme foram elaboradas, como uma que mistura Alberto Einstein com tendências futuristas. Essa, sugere que o que se vive, é o presente, sem relação alguma com o passado - "eu vejo o que se vêjo" - e que quem não acordar para a velocidade, mudanças, conquistas de agora, não alcança o futuro (um tanto quanto contraditória).

Por outro lado, há a que defende a importância do passado e de seus fatos históricos no entendimento do presente e da sociedade atual justamente pelos caminhos nos quais o mundo sem a esquecer. Por causa dos governantes e condutores que não apreendem com escrúpulos e nem sensibilidade e que o passado, com seus grandes heróis e seus grandes vilões - os líricos e o sliter - mais do que nunca, serve como uma base. Contudo, hoje, a história e os valores são outros e, como se sabe, "quem vive de passado é museu".

Há, ainda, uma ideia mais sutil, segundo a qual o passado está presente no presente. Bom, para os que acreditam nessa, o passado contido no hoje é um passado mais de sentimentos do que de datas e de tratados assinados. É um passado que é quase um desvanecer. É um passado que não é um monumento e sim o que significa o monumento. É um passado que não pode ser explicado por um historiador, mas que é entendido por todos.

Enfim, o presente contém fragmentos do passado e o futuro contém pedacos do presente. O tempo é uma "passarela de uma aquarela" e cada dia é uma pincelada da dese caminho, onde não é possível recuar, apenas é possível olhar o que já passou. E, caso se olhe, não se tem a verdadeira imagem, apenas têm-se a impressão que os antigos passos deixaram. O que permanece é a motivação de seguir em frente, como uma prova de revesamento. Assim, as eras desvanecem e outras eras continuam o caminho com o bastão na mão e os sentimentos passados.

A (Des) continuidade temporal

Existem basicamente três concepções de tempo. Há o tempo dos historiadores, para os quais é impossível estudar o presente se não se conhece o passado e mais difícil é imaginar o futuro sem o seu devido entendimento. Há os que acreditam que, levando em conta a sociedade atual e a velocidade dos acontecimentos, o tempo real é agora e de nada vale o estudo do passado para o entendimento do presente e do futuro. Uma concepção à margem é a trazida por Chico Buarque na música "Futuros amantes", em que "nada é pra 'f", ou seja, os fatos só adquirem significado depois de terminados e portanto um estudo sobre o presente é irrelevante.

Na sociedade moderna é fácil se identificar com a segunda concepção, já que a cada dia precisamos mudanças e novos descobertas. Porém, essas descobertas e mudanças fora de um contexto histórico se tornam-se muitas vezes equivocadas, além de facilmente manipuláveis. Portanto essa filosofia possui caráter simplista e está, na verdade, aquém da modernidade. A primeira concepção ilustrada pelo historiador Eric Hobsbawm em seu livro Tempos intermitentes: uma vida no século XX, é a mesma que aprende na escola e faz com que o trabalho de historiadores, geógrafos e arqueólogos seja de vital importância para a humanidade. Afinal, o que representa a queda de um muro que dividia um país sem a noção de bipolaridade militar? Esta parece ser então a melhor concepção de tempo, porém há uma lacuna que só pode ser preenchida com a terceira visão.

Não se deve esquecer que a história do homem foi escrita de maneira religiosa, pois partiu do ponto de vista de um pensador ou de um grupo de pensadores. A história que se escreve no Ocidente certamente não é a mesma que se escreve no Oriente. Cada povo utiliza-se dos fatos históricos do modo como lhe convém e busca analisar o presente conforme o passado que encera. Essa análise é um erro, pois o tempo no qual se vive só se tornará ~~concreto~~ possível de investigações quando se houver o distanciamiento necessário. De acordo com Chico Buarque, a relação entre passado e presente existe, porém esse mesmo "presente" só tem significado em si mesmo e sua interpretação, no futuro, já não se refere ao mesmo, posto que este já terá se tornado passado.

A permanência do tempo

O homem cria a medida do tempo para facilitar sua vida. Hoje, reclama por ter de viver em função do tempo, inclusive reclama da falta de tempo. A verdade é que sem o conceito de horas, minutos e segundos, tudo seria um caos absoluto. O tempo é necessário para que o homem se organize, para que se situe no espaço, para que tenha consciência de que nada é fixo, nada é imutável, nada é permanente. O tempo é a certeza de que, além da memória, nada é para sempre.

A concepção de tempo é muito subjetiva, portanto está sujeita a diversas interpretações. Há quem defenda que não importa o que houve no passado, que não se pode parar no tempo e o principal é viver o momento presente. Mas, do ponto de vista da história, é fundamental conhecer o passado, aprender com seus acertos e erros, de modo a modificar o presente. Também esta visão pode ser questionada, pois quem escreve a história é o vencedor, nunca o vencido, logo, o que conhecemos do passado é uma perspectiva unilateral e manipulada, que serve sempre aos interesses de alguém.

O tempo redentivo é aquele que supera os limites cronológicos, é o tempo que não pode ser inventado, tempo que permanece no ar, como se fosse poeira do que já existiu, trazido à realidade dos homens em pedaços de cartas, em ruínas de cidades, em fotografias. Ele permanece nas lembranças, em histórias do passado transmitidas de geração a geração, num fluxo constante - o tempo nunca para.

Portanto, considerando um sentido mais amplo, o tempo é o que se mantém vivo na memória dos homens, que interfire em sua vida presente ou não, que favoreça a um determinado grupo de pessoas ou não; é a cruel certeza de que nossa vida não dura eternamente, e assim como novas vidas nascem, outros amamos, sonhos e ilusões morrem. O que nos resta fazer é um esforço contínuo para deixar coisas boas para o futuro, pois o tempo não é capaz de apagar o que fizemos de mal e muito menos de invalidar nossas virtudes, ele apenas passa por nós.

O tempo e a alma humana

O tempo pode ser definido, em tantos momentos, como a sucessão de intervalos sucessivos, como dias e noites ou estações do ano. Mas o tempo ainda é, ao mesmo tempo, uma matéria misteriosa que é percebida de forma distinta por pessoas diferentes. Há os que se prendem às definições técnicas, materialistas, como há os que firmemente o tempo interior, psicológico.

Crie Rodabaum concebe o tempo como o desdobrar da história, uma sucessão que uma manipulação pode dominar os outros. O conhecimento do passado fortaleceria os homens, na sua espírito. A não se deixar enganar ou surpreender. Enquanto Rodabaum se detinha sobre o tempo passado, Heidegger delineava um do tempo uma visão indistinta, quase instantânea: o tempo é hoje, o momento é já. O passado está dimensionado do presente e do futuro, que se mostram indistintos. Assim não se adaptar a estes novos tempos ficará parado e se fará passado. Já a visão de Heidegger é a de um poeta, para quem o tempo é psicológico. A eternidade de pensamentos como o amor se impõe à pressa da vida cotidiana.

Embora não perceamos nada que o conhecimento do passado seja uma lição para o presente e que o entendimento dos tempos atuais demostre um tanto uma lição, essa é uma visão materialista do tempo. A visão poética é a visão da alma e a alma tende ao eterno, ao que está fora do tempo, que não é feita de um fim físico, como o amor das versas de Heidegger. O tempo e a matéria que o cerca não podem ser tempo físico, mas a alma vive o eterno, daí as diferenças nas concepções do tempo.

Essa dicotomia entre o eterno e o tempo que marca nossa sociedade foi pensada com profundidade por Charles Darwin: "Evitar a era da velocidade, mas nos sentirmos apaixonados dentro dela". A visão material do tempo nos apresenta algumas estranhas tentativas de medir o tempo que lhes ocorre por entre os dedos, lá da vez mais desobediência dos relógios da alma. Ao se aproximarem a esta visão do tempo os homens estão cada vez mais sujeitos a ele. Não podem perceber que assim como há a eternidade fora do tempo, há o que vem da alma humana e eterniza o homem.

A epifania do novo tempo.

Cadêmbis, relógios, momentos, fatos. Frente à abstração, o tempo sem duração utiliza infinitos meios para marcar sua existência. Foi imprescindível para a evolução, selecionando e para os rejeitados, permitindo descobertas e avanços. Enfim, o tempo fez da história e o homem a direcionar.

A história legou heróis, deuses, conquistas e pensamentos, os quais conforme o contexto são reaproveitados para o presente. Contudo, é impossível cogitar que erros cometidos no passado sempre não sejam evitados no futuro, como por exemplo, as fumças. A história e a memória contam as piores consequências que estes deixaram, mas ainda utiliza-se o behaviorismo para resolver muitos impasses. Não se tenta em retornar ao passado a fim de buscar argumentos e justificativas para agir, todavia evita-se o fazer para prevenir.

O tempo tornou-se aliado incontestável da nova ordem mundial. Tanto o trabalho em jornadas e quanto informações, incessantemente. A globalização permitiu o encurtamento de distâncias, e a transposição de barreiras. A velocidade e a tecnologia reduzem o tempo para se ter mais tempo, numa espécie de moto-pupútu. Na corrida contra o tempo almeja-se estar sempre no frente, e quem não acompanha é automaticamente excluído, e são muitos.

A vida tem duração ínfima perante a infinidade do tempo. Quantas coisas não ocorrem no mundo neste bichar, de anos. Quantos pecos não existiam e desapareceram sem deixar vestígio. Fóssis se tornaram ~~precisões~~ precisões, que remotamente foram banalidades. É curioso imaginar quais serão o legado da atualidade para daqui à dez mil anos... Seram os avança-céus do centro urbano ou o budismo de raras paisagens naturais?

O homem tem administrado o tempo de maneira incoerente. Age-se pensando no presente ou no futuro próximo, acumulando muitos erros. Age através da coleta e da investigação de outros seres humanos ou pela destruição do habitat e dos recursos naturais, o mundo atual deixará um longo rastro de destruição ~~comida de carne~~ que não será possível ignorar, como muito se precisa. O tempo não volta atrás, mas o homem o pode fazer enquanto ainda há tempo. Sabês, antes de decidir incógnitas passadas, sanam falhas presentes. É possível evitar um destino e apagar o que o tempo construiu. É necessário atravessá-lo pensando que muitos ainda o farão depois de nós. A vida merece ser respeitada e o tempo e vida, foi vida e sua vida, sempre.

A metafísica do tempo

As antigas e complexas civilizações dos incas, maias e astecas, e a civilização egípcia também, entre outras, têm algo em comum: perceberam que um passo fundamental para a organização de uma sociedade é a elaboração de um calendário. Afinal, a passagem do tempo permeia toda a vida humana, tendo sido brilhantemente retratada em uma obra de Salvador Dalí.

Nessa obra, o lugar onde o relógio se apóia, desviando, pode ser associado às bases em que a análise histórica se apóia. O modo como a história é interpretada depende de um complexo jogo de interesses de uma elite dominante. Assim, a ocorrência de fatos no decorrer do tempo é compreendida sob uma ~~ótica~~ ótica capitalista, da forma que for mais conveniente em determinado contexto geopolítico.

A paisagem desértica que compõe o cenário no quadro de Dalí apontava para a existência de um só tempo: o presente. Além do relógio não há nada, pois tudo é muito rápido e o futuro é agora. Essa concepção está muito presente na vida moderna, por exemplo, no mercado de trabalho. São exigidos profissionais modernos e atualizados, que acompanhem mudanças. Não há espaço para a alienação.

Ademais, o motivo central da pintura é o relógio derretido, desfazendo-se, o qual pode representar a fragilidade e a relatividade do tempo. O que é atual hoje pode ser obsoleto, até estranho, amanhã. A civilização se transforma. Porém, a humanidade permanece e os sentimentos humanos, estes universais, não mudam. O amor persiste, mas, infelizmente, a guerra, o ódio, a intolerância e a guerra também insistem em não mudar.

O fato é que tais sentimentos universais são, por definição, atemporais. As gerações futuras talvez encontrarão legados estranhos de nossa civilização, mas a emocionalidade e a subjetividade de nossos atos presentes ainda serão compreensíveis. Afinal, a melhor concepção de tempo é aquela que entende a sua relatividade perante os olhos do homem. O relógio quase líquido de Dalí jamais se desfaz por completo, permanecendo o tempo como um conceito abstrato, impalpável, mas sempre presente na realidade concreta.

Inerável relação entre tempo e história

A abstração e a imprecisão do conceito de tempo permitem que várias interpretações e análises ao ca do mesmo sejam apresentadas. Entretanto, é relevante observar que todas elas são específicas, dirigidas a determinados aspectos, dada a abrangência do tema e a impossibilidade de abordá-lo de forma densa e convincentemente em sua totalidade. Uma importante concepção do tempo, abordada por Herberto Linhares, é a de que o tempo resume-se ao presente, de modo que os acontecimentos contemporâneos independem de um contexto histórico anterior. Já a abordagem poética do tema é bastante diferente desta última, para Chico Buarque, por exemplo, independente-mente do tempo decorrido, há sentimentos e aspectos humanos que são eternos, sobre os quais o tempo não age. Além dessas interpretações possíveis, há aquelas que compreendem o tempo historicamente, isto é, através do contexto histórico ~~de~~ e possível entender racionalmente não só uma determinada época, mas o planeta, a política e a economia.

Antes de mais nada é importante analisar brevemente duas importantes relações com a passagem do tempo. Diminuíram-se a concepção mais historicista de Herberto Linhares, que expõe um pensamento exclusivamente voltado para o presente, ignorando tendências históricas passadas e preconizando um progresso pautado nas descobertas diárias, isto é, trata-se da ontologização do presente, também apresentada pelo pragmático filósofo Karl Marx em: "A verdade é temporal", afirmação que deixa claro o ponto de vista de que o contemporâneo de termina paradigmas, comportamentos e acontecimentos. Já a concepção poética do tempo, a pesar de atribuir ao mesmo o poder de modificar a história (ascensão e queda de civilizações) é incapaz de transformar sentimentos e aspectos humanos.

Além de tais interpretações, importantes historiadores consideram que nossa sociedade, profundamente influenciada pelo pensamento socialista, cartesianista e positivista, ontologiza a razão, de modo a tornar-se exaustivamente tecnocrática, portanto, por exemplo, resolver problemas sociais por meios não-sociais, como diriam Max Horkheimer e Theodor Adorno. Para Erich Hobsbawm, o tempo, a época, os aspectos comportamentais da sociedade estão, certamente, relacionados à história e, sob esse inteligente prisma de análise, a mesma matriz se indispensável na compreensão do tempo. Esse pensamento é, certamente, racional e bastante interessante para explicar o tempo.

É, portanto, plausível ponderar que o tema da temporalidade, embora abstrato e vasto, por de ser abordado de forma racional sob diferentes pontos de vista, sejam eles historicistas, político ou históricos. Dentre tais concepções, aquela que relaciona a passagem do tempo à história mostra-se interessante e profunda, a medida que considera que a análise de períodos anteriores é indispensável à compreensão da época, do mundo, da política, da economia e da cultura, dizendo, assim, o conceito "tempo".

Fluxo contínuo

A interpretação humana sobre o tempo é complexa e associada de forma que a única coisa que se tem a seu respeito é a de que ele é um fluxo que não pode ser controlado. Em função dessa constatação, muitos dizem que se deve evitar a obsessão apenas pelo presente, indicando que este é o único tempo que podemos efetivamente ter algum controle por meio de atitudes individuais. No entanto, ao contrário dessa perspectiva, não se pode desvincular o passado e o futuro do presente.

Inegavelmente o passado possui uma relação direta com o presente, já que pode justificá-lo e proporcionar um melhor entendimento deste. O presente é o resultado do passado, de forma que tudo que ocorreu no passado, de alguma forma reflete-se na atualidade, mesmo que sutilmente. Tais sentidos, a aproximação do ponto de vista científico de tempo de que o passado é todo o passado e todo o futuro ilustra uma percepção dinâmica que enxerga o tempo, indicando que o passado está vinculado ao presente. Sua relação pode ser percebida no desenvolvimento tecnológico, já que este só foi possível devido ao conhecimento da ciência e descobertas de estruturas de época passada. Outros, dizem-se acreditar que controlar o passado significa uma melhor compreensão do presente, uma vez que este é responsável pelo presente, possibilitando entender a diferença entre o passado, em relação a uma questão, a pluralidade de opções, as relações entre fatos e pessoas, a obtenção do tempo físico e, consequentemente, o processo de mudança a qual tudo está sujeito. Portanto, o passado não pode ser separado do presente.

Além da relação entre o passado e o presente, não se pode esquecer da relação entre este último e o futuro, pois o presente possibilita a construção e a obtenção do futuro. O presente está intrinsecamente ligado à construção do futuro na medida que os ações e escolhas realizadas na atualidade necessariamente se refletem no futuro, daí a necessidade de estar conscientizado, principalmente quando diz respeito a uma construção. Seguindo o mesmo raciocínio, a obtenção da sensação e da realidade individual de cada homem, não pode ocorrer na presente sem a presença de uma futura, isto é, que não seja meramente a presente parte ou implicação e dependência, de forma que a construção de uma futura melhor só é possível por meio de atitudes conscientes e não é possível por meio da passividade e possibilidade. Sendo assim, o futuro depende do presente.

Portanto, o tempo não pode ser compreendido totalmente, mas deve-se analisar a relação entre o passado, o presente, o futuro e o futuro como forma de poder modificá-lo e aproveitá-lo de melhor maneira. Assim, o passado influencia no presente e este é uma forma de poder modificar o futuro.

O questionamento a respeito da verdadeira essência do tempo diante dos fenômenos humanos é tema de reflexões e teorizações desde que o homem emergiu do mundo animal como ser pensante e consciente.

A era pós-industrial e a cultura contemporânea trazem uma noção temporal onde a importância do 'agora' predomina sobre a relativização com o que já foi e com o que ainda será: o passado e o futuro são apenas enquanto realidades abstratas e não palpáveis. Calca-se esta visão na dinamicidade das mudanças que interferem nos costumes dos cidadãos, cuja realidade instantânea eles têm que acompanhar, sob pena de não mais estarem integrados ao meio. A velocidade global, a simultaneidade nos meios de comunicação e o encurtamento das distâncias contribuem para reter a percepção do cidadão num presente imediatista.

Acontece que a falta da percepção do tempo enquanto seqüência encadeada de processos históricos atua como contundente elemento de dominação. Para Hobsbawm, os controladores dos mecanismos tecnológicos interena que as massas estejam livres de julgamentos profundos, retêm-se ao pragmatismo do dia a dia e ignoram o "passado real" e suas implicações no presente. O entendimento da História é, assim, como nunca, elemento de resistência e de compreensão do mundo.

A despeito de considerações culturais, históricas e sociais, há valores, sentimentos e símbolos que atravessam milênios integrando o ânimo do inconsciente coletivo da humanidade. Ideias como o amor, a liberdade e a felicidade permeiam os mais diversos agrupamentos de pessoas, por mais benéficas temporais e espacialmente que sejam, sugerindo uma atemporalidade da condição humana.

É na busca de um mero "algo" indefinido que os indivíduos vivem desde sempre, sendo a geratriz primordial da insatisfação que impulsiona a ação que, por sua vez, controla o curso da História. Paradoxal que seja, é esta busca de cada qual, atemporal por natureza, que impulsiona a humanidade em seu arampo pela linha do tempo. É através da arte, então, que o homem expressa a sua mais autêntica e intrínseca noção do tempo, inclusive ponto de convergência entre ciência, religião e filosofia: a de que o tempo não existe.

"Os dias na esperança de um só dia"

No ano de 476 o Império Romano do Ocidente chega ao fim. Em 1989 cai o muro de Berlim e termina, assim, a Guerra Fria. Estes fatos são conhecidos até os dias de hoje graças aos estudos históricos, que não teriam o devido valor se não fosse intrínseco ao homem a ideia de tempo.

Comprovada por escritos, fotos e fatos históricos, a existência de outras civilizações e seres em diferentes épocas oculta ao homem a concepção de que o tempo é passageiro. O "carpe diem" foi muito defendido entre os autores clássicos. O apego aos valores clássicos no Renascimento favorece a ideia de uma cultura cíclica da humanidade. Dessa forma, muitos defendem que o estudo e o entendimento do passado é uma importante arma para a dominação no presente.

Entretanto, é imprescindível que se viva o presente. Temos hora para acordar, hora para ir dormir, hora para entrar e sair do trabalho, hora o lazer. O tempo cotidiano é rigorosamente dividido e, por isso, muitos defendem o desapego aos valores passados para um melhor aproveitamento do fragmentado tempo presente.

Dinda há valores humanos atemporais. Os sentimentos, como por exemplo o amor, existiram e existirão ao longo do tempo durante toda a história humana. "Este amor de partir facó souia". facó trabalhou a vida inteira, por amor a Raquel, suscetível à toda exploração do pai da amada, João, e que compreva uma outra concepção de tempo. Assim, muitos defendem que o tempo é uma medida abstrata e pessoal.

Essas várias concepções de tempo garantem a sua abstração. No entanto, o homem tornou-o concreto através das medidas de horas, dias e outras. Com a concretização do tempo o homem desenvolveu o sentimento de esperança a fim de que a vida não seja monotona. Esperamos o ano seguinte, esperamos as festas, esperamos o fim de cada dia. Assim, o tempo de vida passa e muitos, estes ao longo de toda história, não sentem a exploração a que estão submetidos. Vivem como facó viveu os seus dias ~~no~~ esperando um único dia.

Uma pena!

O ser humano sempre teve uma relação direta com o tempo. O camponês necessita deste para saber o período de colheita, o economista para verificar as mudanças cambiais. O que mudou foram as concepções de valor e de abundância para com este algo subjetivo mas tão útil na escala evolutiva histórica.

Para alguns, o tempo e a história são irrelacionados. Os problemas devem ser resolvidos já e as soluções imediatamente encontradas. Descarta-se o conceito marxista de dialética e de materialismo histórico, no qual tudo o que é hoje foi a transformação do ontem e este deve ser relevante para se ter consciência do atual e do que está por vir.

A carga informacional atual é muito abrangente, as pessoas precisam selecionar as máximas suas contribuições. Isto é fruto da Revolução Técnico-Científica, na qual há a passagem da massificação para a especialização (a chamada Terceira Onda). O indivíduo, outrora considerado como parte de um conjunto, hoje é visto como ser complexo e individual. Ele é o resultado deste tecnicismo que precisa do máximo em menos tempo, da Internet, das bolhas de valores, do "tempo é dinheiro". Tudo isto fragmentou o sério e o lazer, sendo estes submetidos a segundo plano.

Todavia os sentimentos humanos não são imediatos. Estes necessitam de tempo, sobretudo aperfeiçoamento. Mas as emoções estão cada vez mais inerentes à esfera capitalista, ao imediatismo. O homem contemporâneo utiliza-se de substâncias psicotrópicas para encontrar uma satisfação que não está no seu dia-a-dia. Quer a felicidade momentânea, aquela que chega e não tarda a ir embora. O estresse e a depressão são consequências destas tribulações corriqueiras e da incapacidade do ser humano em adaptar-se ao período de transição em que se encontra.

O homem que não dá o devido valor ao tempo e não o associa à historicidade vive o risco de não refletir sobre sua existência, de não ter consciência do que ocorre ao seu redor, de querer avidamente a satisfação ilusória de seus desejos. Torna-se presa fácil das transformações político-econômicas, alienando-se em seu mundo particular. Percebe que este processo já tomou conta das pessoas, porque o comum, o público e o mútuo foram dominados pelo individual e particular. O ato da reflexão e da filosofia não têm lugar nas agitações urbanas, são lentos demais e não trazem benefícios materiais, que abastecem o consumismo, este o verdadeiro significado do mundo atual.

Uma pena, pois como seria bonito e claro um mundo dominado não pelo ter, mas pelo ser, pelo sentimento e pelas emoções quase que práticas. Mas beleza e clareza não são coisas concretas, não invejam ninguém, não são, em tão, bem-vindas. Uma pena.

Sob jugo de Cronos

Cronos, filho de Urano, derrota o pai, mostra-o, e toma seu lugar de senhor do cosmos. Amaldiçoado, devora os próprios filhos, pois se sabe de antemão subjugado. Aquele que representa progresso representa também destruição. O tempo, em sua incessante marcha, engole tudo e todos. Homens, civilizações, momentos; nada escapa a suas ferivas presas.

No entanto, o bestial soberano, em sua fúria, deixa cair migalhas que sua irmã, Mnemósine, também conhecida como Memória ou História, recolhe e guarda, permitindo aos humanos buscar, nessa colcha de retalhos, seu passado e entendê-lo, o que os torna algo além de meros símbolos eretos. E que nos permitiu atingir tão elevado nível de desenvolvimento tecnológico, serviu nossa capacidade de, principalmente através da escrita, legar às gerações subsequentes todo nosso conhecimento?

Indomável Cronos também possui outro inimigo, este muito paciente, que o vence por sua insistência. O incansável Eros, romântico arqueiro, caçador de corações. Cronos não consegue deter as incontáveis flechas por ele lançadas em todas as direções, muito menos devorar todos os seus alvos. E por mais que devore, mais e mais vítimas caem, a cada instante, em poder do deus Amor.

O tempo passa. Séculos escorrem na infinita ampulheta, entretanto a areia que já escorreu não se mantém intacta. Cada novo líder da humanidade reconta os momentos passados da forma que lhe convém, fazendo deles as rédeas com que conduz a força das massas, para que trabalhe a seu favor e o apoie em suas decisões.

Dois brilhantes formas de deter a inácrônica foram encontrados: a pluralidade das flechas de Cupido que, ao fazer milhares de alvos, garante a eterna sobrevivência de alguns; e o incansável trabalho de Mnemósine que, associado à eterna graça do fogo de Prometeu, permitiu à humanidade entender seu passado, transmitir o conhecimento adquirido e, assim, construir um caminho seguro na direção de um futuro promissor.

Entretanto é necessário zelo para que a tão minuciosamente tecida colcha de Mnemósine não se rasgue, pois a cada remendo corresponde uma distorção que, sem dúvida alguma, favorece àquele que o coseu e, na maioria das vezes, prejudica o restante.

O passado... a favor do homem

O homem distingu-se dos outros animais por diversos motivos, mas um deles é notável e o torna capaz de planejar sua vida: a noção da passagem do tempo. Suposto que tenha essa noção, ele relaciona-se com ela de diversas maneiras. Alguns acreditam que o que realmente importa é o momento presente, o que se vive agora. Outros, preferem mirar o futuro e vir nele motivo de esperança. Porém, dentre as concepções sobre o tempo, também há aquela que vê no passado uma fonte de ensinamentos para que se entenda o presente e se planeje o futuro. Essa última visão é a que possibilita melhor análise das relações humanas, de modo que o homem aprenda a viver melhor.

O conhecimento do passado é de fundamental importância para que possamos compreender o presente. O mundo em que vivemos é a síntese do mundo que existiu antigamente, é o resultado de muitas transformações ocorridas desde tempos remotos. Como entender, por exemplo, o atual desenvolvimento do Estado de São Paulo sem considerar a antiga economia cafeeira, que acumulou capital para a posterior industrialização? Ou como explicar a relativa tolerância do governo alemão à entrada de imigrantes numa Europa onde operários são xenófobos, sem se conhecer o estigma do nazismo de Hitler? Desse modo, conhecendo o passado, tem-se resposta para estas circunstâncias vividas atualmente, que, sem uma perspectiva histórica, pareceriam fatos sem lógica.

Da mesma forma, conhecer o passado é também condição para planejar e prever - em certa medida - o futuro. É necessário, ao se traçarem planos, estimar a possibilidade de seu sucesso. E isso só é possível se dominarmos aquilo que outros, antes de nós, tentaram, mesmo que tenham sido bem ou mal sucedidos. Se alguma empresa, ligada ao setor energético, por exemplo, quiser construir uma nova usina hidrelétrica, é importante que ela conheça o desastre ecológico ocorrido em Balbina, na Amazônia, para que ele não se repita. Ao se analisar o passado, também é possível prever que os comportamentos humanos são recorrentes. O terrorismo, assunto tão em pauta na atualidade, já era praticado pela Rainha Margot da França, na forma de fanatismo de Estado, ainda na Idade Moderna, quando maracou inúmeros huguenotes na "Noite de São Bartolomeu". Pode-se compreender a mente humana através da história e de certa forma prever comportamentos, isto é, conhecendo-se o tempo que passou, deusa-se, com aproximações, do que está por vir.

Assim, antes de ter uma postura pragmática ao extremo, que só se interessa por viver o presente, a utilitarista, que vê que "dias melhores virão", importa que se adote uma postura racional em relação ao tempo. É possível compreender o presente, e não vivê-lo apenas, à semelhança dos outros animais. Quanto ao futuro, pode-se planejá-lo, melhorá-lo, e não somente ter nele uma esperança infundada. Assim, analisando o passado, o homem consegue ter uma vida melhor.

Tempo trio

O tempo, hoje, é mais rápido. A afirmação seria o abutido do ponto de vista técnico, dado que as unidades de medida - anos, dias, horas ou milionésimos de segundo - não mudaram desde que foram instituídas. Por outro lado, o advento de novas tecnologias, as quais permitem que as atividades e tarefas sejam realizadas com mais rapidez, fez com que o homem se deparasse com a possibilidade de, cada vez mais, fracionar e administrar o tempo. Associado a esse processo, o discurso imposto pela velocidade de transformação nos campos tecnológico, científico, da informação e do entretenimento difundiu no senso comum a necessidade exagerada em se viver intensamente o hoje, numa espécie de 'carpe diem' alucinada que pune aqueles que não conseguem acompanhá-la. Ser obsoleto tornou-se o crime mais hediondo e a punição mais severa.

Diante dessa cultura em que o presente é o único tempo valorizado, o conhecimento a história ancestral de nossas nações "passou a ser mais importante para nosso entendimento do mundo do que anteriormente", como diz Hobsbawm. Um país que não conhece sua história está fadado à mediocridade, menos por um precipitismo em relação à tradição e mais por uma questão de identidade nacional.

Da mesma maneira, a preocupação extremada com o presente nubla perspectivas de futuro e dificulta que decisões conscientes com efeitos a médio e longo prazo sejam tomadas. O presente passa a ser, então, uma constante busca de mecanismos para remediar situações que poderiam ter sido contornadas. O futuro, unicamente exposto por Buarque, é encarado como o tirano das ações do presente, e não como um farol, um guia.

É simplista ter de optar por um tempo - passado, presente, futuro - para nortear decisões, posto que está é uma escolha natural: vive-se no presente, como Linhares pintou em cores vivas. Mas o passado e o futuro são companheiros que, de mãos dadas, permitem que o caminho a seguir seja traçado. Qualquer desequilíbrio em favor de uma dessas três concepções de tempo leva a uma distorção da real importância de cada uma. E elas são igualmente importantes, uma vez que, em essência, elas nada mais são do que tempo, esse conceito abstrato e, cada vez mais, acelerado.

O homem e o processo histórico

A multiplicidade de perspectivas característica de nossa época também se reflete na concepção do tempo: cada um entende sua passagem de acordo com as próprias vivências e mesmo necessidades. Há os que valorizam o passado mas com objetivos pré-definidos; a experiência passada é revista não em sua totalidade, mas apenas nos pontos favoráveis ao que se pretende justificar agora. Há também aqueles que, considerando a rapidez das mudanças que se vive hoje, o dinamismo dos acontecimentos e relações, não se prendem ao ontem; suas atenções estão todas voltadas ao agora, ao imediato, para não perder nada do que se está passando. Porém, citor ainda os que consideram certos sentimentos e atitudes atemporais, ou seja, imunes à ação do tempo.

Apesar de vivermos num mundo em que a velocidade impera, em que novas informações são colocadas à disposição a cada segundo, simplesmente ignorar o passado é algo no mínimo "perigoso". Perigoso porque é nas nossas experiências anteriores que reside a origem dos problemas atuais. O que se vive hoje é resultado de todo um processo histórico. Assim, é necessário levar esse processo em consideração e procurar analisá-lo para que se compreendam seus mecanismos e as decisões mais justas e acertadas possam ser tomadas agora. O erro do passado não podem ser repetidos esquecidos, pois isso corre o risco de cometer os mesmos erros. Além disso, é com base nas experiências vividas anteriormente que se delinea a identidade, seja de um indivíduo ou de uma nação. É vale lembrar que um indivíduo ou uma nação sem identidade própria fica a mercê das vontades alheias.

Há de se dizer que não é o esquecimento da história é perigoso, mas também sua releitura tendenciosa. George Orwell, em sua obra chamada "1984", mostra como a história pode ser sistematicamente modificada com objetivos escusos. No caso, reforçar, manter uma relação de poder e a alienação das pessoas.

O homem deve manter uma relação amigável e sincera com a passagem do tempo. Não se trata de viver no passado e fechar os olhos para as mudanças de hoje; tampouco jogá-lo no esquecimento ou até mesmo lembrar apenas os pontos que justificam uma determinada ideologia do presente. Mas sim de valorizar sua história como uma tódo e perceber que pode recorrer a ela para explicar muitos de seus conflitos e angústias do presente.

01 ~~Alguns~~ Pós-Modernidade não nos permite a verdadeira compreensão do tempo

02 O tempo corre acelerado na Pós-Modernidade. Em meio à fragmentação, à poluição
03 visual e auditiva das grandes cidades, ao individualismo e à rapidez das mudanças, o homem
04 do século XXI tende a acreditar que o que existe é apenas o dia-a-dia, o hoje, o imediato.

05 Alunos do Colégio Primário são ensinados a ver a História de forma reduzida, a-
06 través das ~~linhas~~ ^{trilhas} linhas do tempo, que apresentam os séculos como abstratos espaços
07 de tempo que concentram importantes acontecimentos. Essa forma de ensino não contribui
08 para a inserção das crianças no mundo pós-moderno, onde o homem ~~se~~ acostumou-se
09 a esquecer o quão complexa é a História e o quanto ela pode nos auxiliar na comple-
10 tude do presente, quando vista dessa forma.

11 O historiador francês Fernand Braudel traz importantes contribuições, através da
12 obra "Nemesis: fazer tabula rasa do passado?", para aqueles que buscam um olhar
13 mais crítico em relação à História. O autor defende que a compreensão do passado e
14 sua contribuição para o entendimento do mundo atual só é possível com a complexidade
15 da História, passamos a olhar o tempo de forma lenta, assim como ele corre, e a questionar
16 as simplificações dos historiadores de opinete, que apresentam um passado que vai ao encon-
17 tro dos interesses dos donos do poder. A conclusão de Chemeaux é que não, de forma
18 alguma devemos fazer tabula rasa do passado.

19 O que nos falta é que esse é um grande desafio para o homem pós-moderno, que só tem
20 olhos para o hoje. Ele é apressado, ansioso e ~~superficial~~ ^{superficial} demais para sair da
21 complexidade da História e buscar compreendê-la por esse ângulo, um falso simpli-
22 ficado. Ele se liga na velocidade moderna, acompanha as mudanças, as descobertas, as conqui-
23 tas de cada dia e não pára no tempo. Ao contrário do que defende Heberto Linhares, porém,
24 o homem pós-moderno não entende nada. Como forma de escape à angústia existencial
25 provocada pelo vazio e pela incompreensão, simplesmente lança-se ao imediatismo e com-
26 panha, então, o ritmo acelerado do mundo a sua volta.

27 Sabendo de tempo e história, há os aqueles que tentam decifrar o eco das antigas
28 palavras, fragmentos de cartas, poemas, mentiras, sutilezas, vestígios de estranha
29 civilização. Sem dúvida alguma, a busca pela verdadeira compreensão do
30 passado pode ajudar, e muito, o homem pós-moderno a acalmar melhor
31 a confusão que há no mundo atual. Se o tempo, cada vez mais acel-
32 erado, em algum momento, permitir.

O tempo, a engrenagem e o amor.

Refletir sobre o tempo requer fazermos uma distinção primordial: o tempo não é um dado natural, mas uma construção humana.

O tempo pode apresentar-se mecanicamente. O século XIX preencheu-nos com a revolução industrial que desnudou uma noção de tempo vinculada à engrenagem, à máquina e à reprodução do capital. Segundo esta percepção, o tempo equivale a dinheiro, a horas de trabalho consumidas continuamente, enriquecendo alguns e empobrecendo as possibilidades de sonho, amor e vida de muitos outros.

O tempo do amor, por outro lado, não transcorre segundo os mecanismos e a lógica do estágio. Outras duram horas. Alguns de apenas alguns minutos parecem transcender séculos de introduções sociais. O tempo do amor permite desvios, eternos e desperdícios. Parece alimentar-se somente da verdade humana e do seu desejo de compartilhar o tempo.

Atualmente, kenneciatas aairam sobre o tempo, disporndo-o segundo seus interesses, reatruindo fatos, inventando tradições e interpretando eventos de modo a conceber uma história de conveniência, que atença as suas aspirações. Nesse sentido, a história adquiriu no século XX - o século da velocidade e do presentismo - o poder de deturpar construções intressurais e personalistas de uso marquinhdo do passado público.

O emino de história, enorme então, papel primordial como instrumento de compreensão do tempo, de configuração dos disjunctes temporalidades, de encadeamentos e simultaneidades, da curta e da longa duração. Assim, estudamos a história como movimento contínuo, permitírnos nos perceber como sujeitos sociais, como protagonistas da história e não mais como meros figurantes de uma história estática pronta e acabada.

Talvez assim, fortalecendo os nexos de nossa compreensão do tempo, a vida possa ter-se mais tempo do amor e menos tempo de engrenagem.

SEMPRE CONTEMPORÂNEO DE NÓS

Há tempos ouvi dizer que Santo Agostinho teu descoberto a seguinte percepção: embora ninguém desconheça o tempo, não há quem seja capaz de dizer o que ele é. O tempo, assim, teu sido fixado como algo de existência integral para o homem, ao mesmo tempo em que suas características seriam - sempre - de difícil delimitação.

Essa dificuldade, contudo, não se apresentou à consciência como total obstáculo. Ao longo da história, muitas concepções sobre a temporalidade foram elaboradas. Para alguns, o tempo seria uma ado objeto organizado sob o nome de "História", ou seja, a unidade dos acontecimentos que compõe o conjunto no qual o homem se insere como parte da civilização. Para outros, o tempo não passa de um fluxo ~~de~~ fragmentário de instantes subjetivos, baseados em uma única realidade (o presente) sobre a qual cada indivíduo, com suas vontades e esperanças, constrói o movimento que vai do passado ao futuro. Para outros ainda, o tempo é a estância da própria humanidade, que, ultrapassando o movimento que o relógio percebe com seu mecanicismo, atinge até mesmo a eternidade muitas vezes só lembrada para as peculiaridades divinas.

Cada uma dessas concepções tem, por sua vez, o seu tempo. Expressam um determinado contexto e, mais que isso, respondem a questões bem particulares. A noção de tempo como História, por exemplo, permite que não se peca uma outra dimensão da humanidade cada vez mais presente no mundo dominado pela tecnologia (e, portanto, pelo tempo da máquina, da técnica em geral). Insuado na História, o homem pode se compreender como capaz de mudanças (como por livre). A idéia de fluxo temporal, porém, não deve ser rejeitada. O homem não apenas está na história: ~~ele~~ ele próprio tem sua história. Certamente, viver um presente permanente (como a Macabre sem destino de Clarice Lispector) não é viver. Mas o tempo da vida passa pelo homem. Por isso mesmo, a história pode ser revista ou inventada, e até reinventada! O homem, é o começo de toda essa história.

Esse homem, contudo, não é o da ciência. O homem que vive em si a história é aquele que vive a humanidade como amor. Somente ele está no tempo por inteiro e, por isso, supera qualquer passagem, chegando, enfim, ao começo. Ali encontra-se o tempo: na arte, em mim, na eternidade.

A mãe e a ampulheta

A já antiga imagem da ampulheta, estática em algum ponto no correr da vida e a retratar a passagem inevitável do segundo, inibe alguma propriedade que foge à sua cansada repetição e a a observe, antes de mais nada, como o desenho das impressões causadas pelo tempo no espírito humano e em suas conseqüentes ações. Nessa imagem, os grãos que ainda não precipitaram e o vazão a se esgotar, seriam o futuro; os grãos detidos, o passado; e a mão que controla a ampulheta, enquanto não pode fazê-la parar, poder retardar o seu andar, fazer os grãos detidos, mais atenta e, em que está a cair, mais imponente. A mão, esta seria, resta claro, o presente.

É bom certo que esse três momentos, embora distintos, estão, na metáfora descrita, adstritos a um espaço delimitado, o que lhes proporciona influenciar-se reciprocamente; subtraindo-se um deles, até controla a ação que a honrar fazem de seu tempo: ora se relega ao passado ao solgar e respeitar necessárias à vida, como em um grande fluxo a duto de respiração, continuam pela respiração vivida; ora se viduanda no presente o único em no decisões que o espírito pode ter, por atolar-se apenas aquilo que vive; ora, ainda, mostra-se averso no futuro, como em que o tempo e sua disputa tratam-se à consciência de que a vida deve ser cerçada buscando sua fútu futuro, desprocurado o presente e morte o passado.

Não a primeira tampouco a última delas, entretanto, merecem atenção do espírito humano. É, isto, porque voltam a olhar para aspectos que, por si só, mostram a incapacidade de permitir o manejo certo das ansios e das possibilidades que se descobrem no correr da ampulheta: aquela, influenciada pelo presente, lida apenas com a desesperança e o desamento; esta, guiada pelo futuro, morre, ao revés, apenas pela esperança. Ambas, portanto, impedem que se evoque, com a necessária interpeça, a realização dos conquistados do presente.

Com isso não se quer negar que cada concepção do tempo tenha influência na decisão iluminada no agir presente. Claro está que o passado tem seu punhal de responsabilidade pela ação que já desceitrou frustradas; também o futuro faz o presente esquecer suas conseqüências e ao buscar.

O que não se pode admitir, entretanto, é que se permita um absoluto otimismo do presente, justificado pelo fato do passado, que muitas vezes podem impedir que mesmo a história seja reavista, ou pela esperança do futuro, a qual pode mostrar o espírito humano e o fazer esperar por algo sem esforço algum.

O presente, afinal, se confrontado com as demais concepções que talham o tempo, entra a permitir, não pode pela vida mais consciente, também que, os grãos que caem, seja-lhes satis a cada a história dos que já quedaram, bem como lhes se seja firmada a lembrança dos que ainda ficam. Basta, para tanto, volte-se para a imagem a que se deu airo anteriormente, que se entregue à mão da ampulheta um breco de tempo.

Tempo Rei

Os gregos identificavam o Tempo com o deus Cronos. Pais de Zeus, Cronos devorou todos os seus filhos até ser morto por aquele que seria o monarca do Olimpo. Desde então, essa entidade (tempo) vem sendo objeto de constante questionamento por parte do homem.

Nos dias de hoje, a concepção mais popular talvez seja aquela defendida por Herberto Werhauser: o tempo é o agora. A razão disso nasce do impacto que a tecnologia tem em nossa vida quotidiana e o efeito desse impacto na nossa concepção de tempo. É importante lembrar que entre a descoberta da luz elétrica por Edison e o dia em que Armstrong foi ao espaço passaram-se pouco mais de sessenta anos. Além disso, no começo da década de 80, no Brasil, poucos tinham computador em casa. Uma década depois, o mundo estava conectado pela internet. No caso dessa velocidade, não parece haver tempo para o passado ou para o futuro. A visão epicurista do mundo foi reinventada: o hoje deixa de ser um gozo para ser uma necessidade.

Uma visão oposta do tempo é apresentada por Chico Buarque: nada é pra já. Ele nos pede que não af no afobemos para viver e para amar. Uma visão de tempo altamente influenciada por outro poeta: Vinícius de Moraes. Em seu "Samba da Bênção", ele fala nos alertas para os perigos de uma vida acelerada (um infante). Já ~~no seu poema~~ em um poema ele nos diz: seu tempo é quando!

Por fim, a visão do historiador inglês Eric Hobsbaw. Sua concepção de tempo está, por esse dizer, entre os dois punitivos. É uma concepção humanista do tempo, na qual o homem é inevitavelmente prisioneiro de sua história. Evoluindo com ele. Aprendendo com o passado. O ministro da fazenda, Antonio Palocci, talvez, há um tempo atrás, no ponto central dessa visão de tempo. Ele disse que não queria cometer erros antigos, só erros novos.

É isso que faz dessa concepção a mais importante. Presente, passado e futuro devem andar de mãos dadas. Precisamos entender o passado para não sermos devorados pelo deus Cronos. Pois, como disse Paulinho da Viola, quando se pensa no futuro não se esquece do passado.

Nós somos a História

A passagem do tempo é, de certa forma, alheia a nós. Os seres humanos, que obstinadamente fazem de tudo para submeter o mundo aos seus caprichos, ainda são obrigados a curvarem-se diante da vontade deste pai e carrasco que nos cria, envelhece e mata. E tudo o que podemos fazer é escolhermos o modo que nos parecer mais adequado para encarar nosso passado, presente e futuro, especulando o significado de cada um deles e como devemos interpretá-los.

Em três textos diferentes encontramos três visões diferentes do tempo. O historiador Hobsbawn nos oferece uma visão objetiva da importância do passado, denunciando o perigoso descaso com a história, que cada vez mais assola o pensamento pragmático e materialista, bem retratado no texto de Herberto Linhares. Chico ~~Buarque~~ ~~apre~~ Buarque nos apresenta a visão de um poeta que, questionando a importância do tempo, realça que, mesmo num futuro distante os sentimentos serão os mesmos e permanecerão vivos. Sendo assim, o amor sempre existirá e não há motivo para a pressa. Ignorar o passado, como propõe Linhares, não apenas é perigoso como também egoísta. Induz a cometer os mesmos erros que já foram feitos, e ignorar a sabedoria que a história nos ensina. Ignorar o futuro é condenar nossos filhos e netos a sofrerem os resultados de uma inconsequência desmedida.

Mesmo que os amores durem milênios, precisamos nos sedimentar no hoje sem esquecer o ontem jamais. Se a tecnologia tem pressa, a natureza não tem. E ~~submeter~~ submeter-se à velocidade da tecnologia significa sucumbir à nossa auto-destruição através do esgotamento de recursos naturais que levam milhões de anos para se renovar. A história não é artigo ilustrativo e o passado não deve ficar preso em museus. O hoje é uma óbvia consequência do ontem, da mesma forma que o amanhã é consequência de hoje. Se esquecermos disto, esqueceremos ~~qual~~ o próprio sentido de estarmos aqui e nos perderemos irremediavelmente.

Ver, mas viver

"O mundo depende de quem o vê." Apesar de ser um clichê, é difícil negar a veracidade dessa frase. Dentre as muitas coisas que nos fazem diferentes uns dos outros, está a diferença na percepção, como as cores que vemos são unicamente nossas. Dentre essas diferentes percepções, há o otimismo e o pessimismo (olhar para meia lata de vinho e perceber-la meio cheia ou meio vazia), há a percepção das consequências de atos e há a percepção do tempo. Muitas vezes as pessoas superavalizam o passado, o presente ou o futuro, não percebendo o conceito geral de tempo, que engloba os três momentos.

Há alguns que percebem o tempo como contínuo, infinito. Outros, que o percebem como agora, como instante. Esses são aqueles que superavalizam o presente, e estão fadados a cometerem sempre os mesmos erros, a não verem as consequências de seus atos, já que desvalorizam tudo o que já foi e não é mais. Infelizmente, são a maioria da sociedade hoje, individualista e imediatista (um exemplo é não assinar a carta do protocolo de Kyoto por países como Estados Unidos e Rússia, grandes poluidores).

Também existem aqueles que vivem na história a maior fonte de conhecimento, em especial nos dias de hoje, quando tantos negligenciam o passado. A história nos ensina, nos permite aprender com ela, vendo o quadro geral dos acontecimentos e suas consequências. São os que superavalizam o passado, mas tem visão geral do presente.

Mas compreender o tempo como infinito é a mais clara e correta das concepções. Significa perceber que tudo não deve ser feito hoje, que assim como haverá amanhã háve ontem; significa viver hoje, sem pressa e consciente de que haverá um amanhã, mas viver. É a concepção que compreende a história e a utiliza. É aquela que vê o conceito geral de tempo, balanceando os três momentos.

Infelizmente, tudo foi transformado em imediato pela sociedade; nunca há tempo e tudo passou a ser irrelevante caso não seja agora, não seja recente. Assim sendo, esta ramos condenados a viver sem pressa e sempre no hoje? Mas que mundos deixaremos para o futuro? E se o futuro não se preocupar com o passado, como nós? Fara diferença o que fizemos ou não? Se existimos ou não?

A verdade é que não importa. O futuro chegará e nos seremos passado, e devemos nos importar em conhecer o passado e viver o presente; não em prever o futuro, mas nos preocuparmos com que haja futuro. O fim chegará para todos, otimistas ou não, e não importará como vimos o mundo, mas se o vimos, sem pressa, sem afobação, conscientes do passado e do futuro, mas sem nos esquecermos do presente. O que importa é vermos o conceito geral de tempo, compreendendo assim o nosso papel.

"O espírito humano há de ser grande e infinito, como o tempo"

Não há melhor visão do tempo que aquela que o tempo nos dá a cada dia, sempre mais ampla, livre e rica. Somos seres vivos, limitados por uma existência material condicionada pelo espaço e pelo tempo. Temos uma percepção da vida que se desenvolve e se conclui - com a morte - em menos de um século (tempo insignificante para o Universo e a vida da humanidade), e que pode ser de certa forma ampliada pelos conhecimentos desvados e acumulados pela humanidade.

O tempo questiona as concepções e as transforma, principalmente aquelas que não buscam uma visão transcendente de sua época, momento ou contexto; visões que geralmente se prendem e exaltam a grandiosidade dos fatos humanos e ~~da~~ a modernidade de seu próprio tempo. Essa é a concepção do texto II. Um entendimento imediatista e limitado aos acontecimentos da nossa época, como se ela fosse desvinculada da história da humanidade e de suas experiências anteriores; e como se não fosse a origem de uma futura realidade.

É preciso, sim, estar atento à velocidade crescente dos acontecimentos modernos. Essa atitude é fundamental para a compreensão da nossa realidade. Não se pode, no entanto, destacar essa realidade de seus causas e consequências, limitando-se a uma visão automática, imediatista, descontextualizada: desenraizada de suas origens e de sua história e, por outro lado, inconsequente para com o seu futuro. A compreensão do tempo e, consequentemente, da ~~própria~~ existência humana, não admite tamanha simplificação.

O entendimento da realidade, do dia-a-dia, do mundo não se limitam ao olhar e acompanhar as grandes transformações de nossa época. Uma concepção mais ampla do tempo e da história, defendida pelo texto I, é fundamental para a compreensão das mudanças, para avaliar seus benefícios, prejuízos, os interesses envolvidos, os impactos por elas trazidas, enfim, para que se exerça uma visão crítica e independente das mesmas.

Essa atitude, negando uma visão manipulada e "interessada" da história e da realidade é fundamental para a formação de seres humanos livres, sujeitos ativos de sua própria vida e da vida da humanidade, capazes de agir com autonomia e com um entendimento da vida humana que supera o ~~do~~ seu tempo e sua pequena - e natural - realidade.

O tempo é fator fundamental na vida humana e sua compreensão é essencial para uma existência plena e feliz, o que é impossível sem humildade e consciência da nossa pequenez. Paradoxalmente, é possível identificar, mesmo com o passar do tempo e com a transformação constante da realidade, a existência de coisas eternas, que se repetem na vida da humanidade e se mantêm intactas - muitas vezes - na vida de cada ser humano. O tempo dos sentimentos é outro, e é por isso que o amor, o afeto, a amizade se preservam ao longo dos anos. O amor é eternamente novo no espírito de cada um, o que torna o espírito humano igualmente eterno, apesar da mortalidade

Tempo universal e tempo subjetivo.

O mundo inteiro assisteu à queda do muro de Berlim. A difusão simultânea no mundo desse acontecimento mostra a rapidez da Modernidade. O uso dos meios de comunicação pelas classes dominantes serviu para espalhar pelo planeta a vitória do capitalismo, a vitória dos EUA. A partir daí, a globalização avançou, a internet ajudou a diminuir espaços e a História humana se acelerou.

A cultura pós-modernista espelha a transformação do tempo nas sociedades pós-industriais. Na pós-modernidade, a sociedade vive no futuro e o tempo ultrapassa a si mesmo. A informação instantânea tornou-se especulativa. O capitalismo criou uma situação de competitividade e insegurança quanto ao futuro. Nesse quadro, os excluídos não têm papel de sujeitos, mas sim de objetos da História. Os ricos vivem às custas dos pobres; entretanto, os detentores do capital continuam a reger a História.

O filósofo existencialista Jean-Paul Sartre afirmava a necessidade do homem de se projetar. O indivíduo precisaria se lançar ao futuro e planejá-lo para passar não apenas a existir, e sim a ser. Essa visão engloba a transmutação do homem em sujeito, ele planejaria seu futuro, o que afetaria a humanidade toda. Assim é perceptível a importância do tempo em nossa cultura.

O tempo é um conceito abstrato, mas quem lida com ele é real. Os indivíduos tornam-se vítimas de sua própria intenção. A correria gerada pela rapidez excessiva com que o mundo anda provoca doenças advindas de cansaço e ansiedade, como a estresse. Não obstante, o homem não conseguiu transpor completamente a barreira do tempo. Por exemplo, o amor que alguém sente pode persistir e independe do tempo que transcorre.

Portanto, o tempo não pode ser mudado. Trata-se de um conceito universal, mas subjetivo. É universal porque regula todas as sociedades do globo e passa sem depender da vontade de ninguém. É subjetivo porque cada um o "sente" de formas diferentes. O paradoxo sem explicação, o ser humano parece ter criado o tempo ao organizá-lo. Mas o tempo que já existia desde a criação do Universo. Dessa forma, acelerar o tempo é indemonstrável no homem, pois o tempo de suas emoções não pode ser subjugado por nenhuma máquina.

O Tempo e a Poesia

Tempo. Difícil de conceber, mais difícil ainda não perceber sua passagem. Nos três trechos que se apresentam, diferentes relações dos autores com a passagem do tempo se colocam. Mais pragmática, mais ansiosa ou mais subjetiva, as três visões se cruzam e coexistem no mundo de hoje.

No texto I, Hobsbawm, historiador, homem erudito que busca a objetividade sem abrir mão do subjetivo, expõe sua preocupação principal: a percepção do tempo como tempo histórico. E, segundo ele, a história é tão mais importante para nosso entendimento do mundo quanto mais irrelevante para os tecnocratas de plantão.

No texto II, de Herberto Linhares, o hoje é o que vale. A velocidade é a chave do tempo, o passado não tem nada a ver com o presente nem este com o futuro. No depoimento é clara a preocupação com as mudanças constantes e a ruptura percebida pelo autor entre o ontem, o hoje e o amanhã.

Já no texto de Chico Buarque (III), a poesia imperece na relação com a passagem do tempo. E como o tempo poético é outro, diferente do tempo cotidiano ou mesmo do tempo histórico, o amor, sem pressa, pode esperar milênios para ser redescoberto por escafandristas-arqueólogos, que resgatarão os vestígios e decifrarão para a humanidade as marcas da estranha civilização descrita pelo poeta.

Imersos no tempo cotidiano alucinado, onde tudo acontece já, por vezes não percebemos que as mudanças só são mudanças em relação a algo que passou. Para que possamos respirar é preciso que analisemos, com a perspectiva histórica, a narrativa que se construiu sobre essas mudanças. Mas além disso tudo, do ar e da perspectiva, está o poeta, que cria amores futuros, seus amores, que serão de outros que virão, pois "as coisas lindas, muito mais que lindas, essas ficarão."

Divergências históricas sobre o tempo: entre a crítica, o nilismo e a metafísica

As discussões e divagações filosóficas a respeito de conceitos ou noções como "tempo" e "espaço" não são novas. Pelo contrário, elas sempre ocuparam um papel importante nas gerações mais antigas, sendo até mais presentes nestas.

Todavia, a maior concretude do espaço nos foi permitida debates tão fecundos quanto os realizados a respeito do "tempo". Immanuel Kant, por exemplo, apresentou na sua "Crítica da Razão Pura", o "tempo como categoria". Em Kant o ser humano é sujeito do conhecimento e para que tal conhecimento seja possível são necessárias algumas coisas "a priori", como o tempo. Nesta concepção o homem não conhece o tempo, mas apenas se vale dele para conhecer o mundo.

Então Hegel tomou sido um opositor de Kant, ele acabou por manter uma ideia já contida no kantismo: o tempo como algo linear. E aqueles que sofreram a influência hegeliana, direta (as próprias ~~teorias~~ hipóteses) e indireta (marxistas, tais como o helenista Eric Hobsbawm) adotaram esta ideia. Para eles o tempo é o palco da evolução humana (evolução rumo ao Estado, rumo ao socialismo), uma rede contínua nas quais as ações humanas estão submetidas à lei da causalidade e, por isso, o passado torna-se fonte de entendimento do presente e do futuro.

Contudo, as descobertas da Física no século XX alteraram este paradigma. A relatividade do tempo proposto por Einstein e a ideia do tempo como algo granular, tal como ele se apresenta no análogo, trouxeram problemas à explicação dominante de então (tempo linear). Além disso, o advento da sociedade da informação agravou este quadro: nele tudo se torna efêmero, consumível, passageiro. A coisa não está mais no vão tardio da arte de Minerva, mas sim na capacidade de se adaptar ao que de novo aparece. Não há tempo para esperar o estabelecer e muito menos o ~~esperar~~ o obter para fins. O tempo surge, assim, como algo que a cada coisa, a cada hora, a cada dia nos consome mais e, concomitantemente, por nós é consumido. Como esta concepção Hobsbawm chegou a estereótipo: "Os negócios da humanidade são hoje conduzidos especialmente por tecnocratas, resolvidores de problemas, para quem a história é quase irrelevante; por isso, ela passou a ser mais importante para nosso entendimento do mundo do que anteriormente".

E há, como sempre houve, explicações excessivamente metafísicas, próprias dos poetas e escritores. Nelas domina a ideia do ~~tempo~~ eterno. As transformações ficam limitadas à aparência, sendo que a essência permanece a mesma do gênese até o ~~tempo~~ eterno. Ao falar do amor Chico Buarque escreveu: "Futuro muito próximo, se amamos, com sabedoria, com amor que ultrapassa um dia/Deixei-o ir".

Dentro destas, a primeira concepção nos parece mais adequada. Em primeiro lugar porque ela é capaz de mostrar a evolução humana no suas estruturas e nas suas contradições. Com ela o tempo não se perde no mar contínuo, o que ~~acontece~~ ocorre com a segunda concepção, e, verbis factis, nos tornamos indivíduos mais conscientes e críticos para entender as estruturas sociais.

Além disso, ela não nos faz cair na armadilha do terreno concepção. A fé na "essência" e no "eterno" são frequentemente usadas para justificar o pensamento conservador e reacionário. As coisas mudam sim em sua estrutura, porque o sentido delas sempre dependerá do contexto em que ~~se~~ estão. O amor eterno pode até ser possível, mas não encontra respaldo na realidade. O amor válido nos dias de hoje difere radicalmente, por exemplo, do amor das mezenhas, as quais eram bem platônicas.

Assim, se pretendemos ~~entender~~ compreender a realidade tal como ela é, devemos reconhecer o papel que exercemos na história e a importância do passado na construção do mundo contemporâneo. Abandonando as posturas mais metafísicas temos mais chance de construir um tempo futuro mais justo.

O Tempo como Interpretação

O tempo é uma categoria absoluta ou relativa? Ele é permanente, precedendo a nós e vinculando-nos a uma cronologia? Ou, ao contrário: é ele mudança, criação nossa, produto de nossas frustrações, interrogações e sensações?

Desde o jogo a relação dos homens com o tempo é tormentosa. No mito da Troia, Chronos destrava seus filhos para manter sua supremacia: o Tempo subsiste em si mesmo e engole aquele que o desafia. Em outro sentido, é o que nos dá machados de armas quando afina o que se mata o Tempo e ele nos enterra. É o tempo que não se afeta.

No entanto, assim como Zeus fugiu de sua destino e ideou a rebelião contra Chronos, há aqueles que pensam que o tempo (e a consciência de sua passagem) podem ser dominados. Se o homem é a medida de todas as coisas, o contra o histórico e concomitante ao vivido, sendo tudo uma questão de percepção. É o tempo dia-a-dia.

Entre esses dois tipos ideais (no sentido weberiano de essência) — o primeiro, que postula que tempo é permanente, e o segundo, que apresenta o tempo como mudança — encontra-se um terceiro, híbrido: a ideia que o tempo é uma sucessão de fatos. Nessa fórmula, mudança e permanência são combinados, sendo que a ideia de momento é articulada com o conceito de continuidade. O dia-a-dia e o Eterno são diferentes dimensões do mesmo fenômeno, qual seja, a tentativa do homem de domar aquilo que ele não pode entender — a passagem do tempo.

É importante fazer o vocábulo "tentativa": ele implica incerteza, e necessidade de reinterpretação intersubjetiva. Ora, só se diz que uma tentativa obtém êxito quando de certo pode ser comprovado através de critérios previamente estabelecidos. Essa concepção de tempo, portanto, não é nem um pouco absoluta nem relativa, mas, sim, como uma ponte construída sobre o vazio da sua passagem.

No fim, somos levados a uma concepção de tempo como interpretação, que não é nem racional, como a primeira, nem personalista, como a segunda.

01

02 Já os antigos gregos discutiam o tempo como uma das categorias do pensamento. Com efe-
 03 to, ele é elemento freqüente nas construções intelectuais, não conseguindo o homem, sem
 04 muito esforço - senão na matemática e nas abstrações - delimitá-lo e apartar a menção no-
 05 ndológica dos fatos impõe ao homem a compreensão do mundo em três momentos
 06 distintos: passado (quanto aos fatos ocorridos antes do pensar), presente (quan-
 07 to aos fatos que se desenvolvem simultaneamente ao pensamento) e futuro
 08 (quanto aos fatos que se projetam para adiante do pensar). Cada qual encar-
 09 ra não somente fatos distintos (até porque um mesmo fato pode ser projetado,
 10 realizar-se e, então, tornar-se lembrança), mas também, e sobretudo, modos distintos
 11 de pensar. É preciso conhecê-los bem e utilizá-los de modo prático.

12 Quando se pensa o futuro, engendra-se um conjunto de fatos que não existem, de
 13 não de modo ideal. Falta-lhes concretude, por não terem a concretude do potencial em atual
 14 Por isso, isso impede uma maior comunhão deste pensar entre vários sujeitos, o que
 15 implica subjetivismo, individualismo. Atende-se mais ao desejo do sujeito pensante, ten-
 16 do de maior liberdade de pensar. Se isso favorece, por um lado, a busca por utopias, por
 17 outro, não basta, por si, para satisfazer os desejos humanos. Daí a importância de se refletir sobre o pa-
 18 sado. Por isso é a análise de fatos que já se realizaram e que, em si, já se acuriram. É deste modo
 19 que se adquire experiência e se acumula conhecimentos, para se fazer e tornem crescentemente
 20 factíveis e a todos benéficos. Cumpre alertar, porém, que o passado, por ele mesmo, é intocável
 21 como que os fatos já acontecidos não podem mais ser removidos, atingindo apenas suas consequências.

22 Por isso, o tempo presente é aquele mais aberto à ação humana. É nele que os fatos efetiva-
 23 mente acontecem e que os deuses são tomados. O espírito humano, por si, naturalmente se volta
 24 na busca por concretude e realizações. Ao refletir quanto ao passado e as projeções quanto
 25 ao futuro são muito importantes: são, para "cuidar" as mentes humanas e suas decisões, aquelas,
 26 para embasar racionalmente a compreensão do presente. Porém, é no momento atual que a
 27 história se constrói e não há sentido em pensar o futuro e o passado se não for para
 28 melhor se engendrar as decisões neurais e se concretizarem os planos.

29 Entender o tempo em sua vasta amplitude é essencial ao homem. É preciso não
 30 dividir, contudo, que a construção do futuro do-se no presente e que de nada valeriam
 31 as experiências progressas, senão para realizar o presente.

32

33

34

Inimigo do

No mundo atual o tempo é uma das concepções mais impulsionadas, por-
 ando todos os elementos da vida humana. Damos prioridades e desamparados da
 sua ordem, a velocidade com que as mudanças ocorrem, dá a sensação de
 o tempo cora cada vez mais rápido, tornando o presente mais indistinto, e
 passado mais distante, atropelados pelo futuro que chega rápido demais.

Este tema se liga mais próximo por ser mais sério. Uma sociedade et-
 ternamente competitiva, é preciso aproveitar ao máximo o agora para que não seja-
 mos deixados para trás pela que acompanha o ritmo de modernidade. A obrigação
 do presente e a ponderação com a turbulência a que se contrapõe a calmaria, re-
 vês que unificam estes pontos o passado e o futuro. Nelas, que há divergência entre
 maior de que o instante, alijam-se o mundo para o momento, imagem de imobilidade, e a re-
 paração da prática para os problemas do momento em que vivemos. Quis valores que imbu-
 tiram a vida do presente profundamente, quase como se fossem exclusivos.

É um erro que ocorre porque a noção de tempo se fez tão viva, cada vez mais
 intencionalmente, no nosso cotidiano que parece um conceito absoluto e eterno, como
 se sempre tivesse existido na realidade, na forma e no modo de pensar dos povos.

No entanto Robert Elias, autor de Novo Velocidade, seguindo o mesmo rai-
 nio de seu livro mais famoso, discute sobre o tempo, argumentando que ele também é um
 aspecto que se desenvolveu e se desmoronando junto com a evolução de nossa ci-
 vilização. Há um exemplo claro que permaneceu inalterado de nossa modernidade até o sé-
 culo de século II. Nelas esse conceito insistia em era muito primitivo, em ter palavra para
 descrevê-lo. O passado se confundia com o presente a ponto de não se saber se um evento
 importante ocorreu durante a infância de determinado número de anos em a sua pa-
 tria extremamente próximo para estes povos entender e atuar, que seu sistema deveria ser de
 obter benefícios de povos que os conquistaram - mudar de país, trabalhar até horas, desovar
 aos domingos.

Assim com o transcorrer do processo civilizatório, teve-se a criação de que o passado e o futuro
 se separaram, daí após do com o mesmo ritmo surgindo o calendário e quando domos e que o presente estava ven-
 rificando para novas necessidades, vieram-se novos meios para determinar o conceito que emerge.

A noção de passado de eventos foi se tornando devido à distância cada vez maior
 e mais clara se opera o passado e o futuro nascer de importância graças ao valor
 influenciado de seu momento. Portanto, entende-se para outras concepções que não o pi-
 nço vital o presente está longe de ser um vilão.

Tempo Histórico

O tempo não pode ser visto, degustado, ouvido, tatoado ou cheirado. É uma concepção, uma idéia, ou melhor ainda, uma abstração. Apenas uma representação do tempo pode ser percebida pelas nossas sensações humanas, como um relógio que é uma representação espacial do tempo, ou como os cabelos brancos crescendo que são um sinal de que o tempo passa, mas nunca o tempo em si. Esse, pode nem existir. Apesar de ser uma idéia abstrata, concepções sobre o tempo podem ser feitas.

Chico Buarque trabalha com a concepção talvez mais abstrata de tempo. O questionamento implícito sobre o tempo na música "Futuros Amantes" trata este na sua forma mais relativa. Algumas coisas passam e vão com o tempo envelhecendo. Outras não. O amor, fica, permanece como se fosse alheio ao tempo, que então não é um lei universal.

Outras concepções sobre o tempo parecem que, se nós queremos negá-lo, queremos ao menos dominá-lo. O depoimento de Herberto Hauer mostra o extremismo da idéia iluminista do domínio do homem sobre a natureza. Nem o tempo faltaria ao seu domínio. Sua fala mostra a idéia de que o tempo não passa, mas nós é que passamos por ele. É quem não passa pelo tempo e quem não "se liga na velocidade moderna" fica parado nele. O tempo, segundo Hauer, é presente e feito pela homem.

Mas aparte a visão poética e relativizadora e a visão pretenciosa de domínio do tempo, a concepção útil ao homem e construtora de idéias é a visão histórica. A visão de Eric Hobsbawm é de que o tempo é histórico e é ditado pela história humana e pela encadernamento de acontecimentos. Trata de história. Compreende-se o presente a partir de passado e por isso o passado é reinventado conforme as conveniências. Como o tempo é uma idéia humana, nada mais carrega do que carregar que o tempo é ditado pelos seres humanos conforme a sua história de existência. Essa visão permite o nascimento de idéias e a compreensão do sociedade humano uma vez que pode mostrar erros cometidos e a origem de injustiças que trazem a harmonia das sociedades.

Seja qual for a concepção de tempo, é preciso ter em mente que este foi inventado pelo próprio homem e, portanto, o tempo é humano. O tempo não passa pela humanidade ou a contrário. A humanidade é que é a formadora do tempo, não porque o domina, pois não no domínio uma abstração, mas porque a história humana é que traz o tempo. E olhando assim, sem a cegueira da pretensão ou a relativização poética, o tempo produz idéias e permite a compreensão do mundo.

Relógios de diamante

Há tempo para tudo em nossas vidas. Tempo para nascer, para estudar, para trabalhar, para amar, para morrer. Passam-se gerações e permanecem as necessidades: "Todo homem tem direito à vida, à saúde e bem estar, à educação, à liberdade de ir e vir, etc..." como afirmam a Declaração Universal dos Direitos do Homem e tantas outras Cartas Magnas de várias nações.

Alguns entendem o tempo de forma imediatista. Defendem a ideia de que oportunidades são únicas na vida de uma pessoa. Em um mundo que valoriza a febre capitalista do consumo, que recupera ideais arcadistas como "carpe diem", fica fácil compreender o sucesso da Internet, do "fast food", da televisão, visto que são instrumentos que o Homem atual utiliza para economizar tempo. Afinal, como diz uma propaganda de uma empresa de cartão de crédito: "VISA. Porque a vida é agora".

Outros acreditam que a História, que é o registro do tempo passado e a ciência humana que analisa as causas e os efeitos dos eventos ao longo do tempo, pode ser manipulada de modo a atender interesses particulares, desde pessoais até mesmo nacionais. Quem nunca contou uma mentirinha para encobrir ou dar uma outra versão de um fato? Ou pior: O mundo está até agora esperando que as tropas norte-americanas encontrem o tão alardeado arsenal de armas de destruição em massa do ex-ditador iraquiano Saddam Hussein. Ao que tudo indica, as únicas armas encontradas em mãos iraquianas eram procedentes justamente dos EUA, datadas da época em que Washington apoiava o então aliado Saddam contra a "ameaça" iraniana, na guerra Irã-Iraque.

De fato, coexistem diferentes concepções do tempo, dentre as quais uma, imediatista, de curto alcance, nociva por se caracterizar individualista e auto-destrutiva; outra, de caráter não menos egoísta que a anterior, que prejudica o bem-estar de muitos em detrimento de interesses de poucos. Resta-nos reconhecer a grandeza da primeira concepção de tempo, que, curiosamente, é atemporal, que não se prende a mecanismos comuns de contagem do tempo porque resiste à ação deste. Sempre pessoas estarão nascendo, estudando, trabalhando, casando, tendo filhos, amando, morrendo. O ciclo da vida se renova, como uma mesma peça de teatro sendo reencenada com diferentes atores a cada vez. Para estes, caberia um único tempo (verbal): o gerúndio. E os únicos instrumentos adequados para mensurá-lo seriam relógios de diamante. Porque como diz um ditado: "Os diamantes são eternos".

Sol perdido

A concepção do tempo como fator regulado da natureza dos seres vivos sempre esteve associado ao imaginário do homem. Elemento mítico, responsável pela criação e extinção de espécies, paradigmas e ideologias, o tempo adquiriu um poder imperialista que impôs ao homem uma relação de interdependência: essa necessidade aliada à vida humana ao cotidiano que as horas impunham. Essa imposição, portanto, foi capaz de imprimir uma realidade apenas perceptível ao ser que detém a racionalidade como característica de destaque.

A busca pelos antecedentes da geração que domina o mundo é uma ~~característica~~ ^{peculiaridade} da cultura humana. A procura por relíquias de civilizações e antiguidades conduz o homem a um ~~(distante)~~ ^{presente} contido em outros tempos, em outras épocas, na tentativa de justificar a atual situação da sociedade em que ele se encontra. Do mesmo modo, por conter uma habilidade de criação e sensibilidade espetaculares, o ser humano estimula o seu cérebro em busca de prazeres momentâneos: cria e vive o amanhã e o depois, de modo a superar a baseina imposta pelo tempo e prever algo que, por motivos temporais, jamais poderá ~~presenciar~~ ^{presenciar}. Ele induz a sua capacidade de racionalidade e de imaginação, almejando, seja no passado ou no futuro, sensações essenciais que o tempo foi capaz de apagar ou que ainda não chegou a construir.

Isso significa que, a fim de conquistar uma nova realidade e procurar por novas emoções, o ser humano vai vivenciando cada vez mais diferentes épocas em diferentes civilizações, esquecendo-se, muitas vezes, daquilo que o opatime e o glorifica na vida real em que vive. Investe quantidades exorbitantes de dinheiro em projetos especiais (De onde viemos? Para onde vamos?) e cinematográficos, conduzindo o próprio destino a algo que não lhe pertence, que não lhe é devido, imediando um mundo distante do seu, ~~(seu)~~ diferente. Sabe-se que a procura incessante pela novidade faz parte da vida humana, contudo viver de trás e da transposição do tempo real é algo que denota a alienação da sociedade mundial, incapaz de tentar primeiramente resolver os problemas do presente para, depois, reconstruir as ruínas da Antiguidade e criar um novo mundo para as gerações futuras.

O desejo que o homem tem de vivenciar outros tempos e fugir da realidade presente é algo que vem distraindo a criação temporal como elemento conciliador dos anseios humanos. Isso prova que o tempo não é mais capaz de controlar o homem: o seu cérebro fala mais alto. Entretanto, nessa aventura da vai-e-vem, de passado e futuro, a vida presente do homem vem à tona, ~~(e)~~ ganha vulto e ele percebe, tarde, que o tempo perdido foi ~~(capaz)~~ responsável pela criação e destruição daquilo que poderia ter vivido, no determinado momento, no determinado tempo em que era para ele viver.

A concepção de tempo e a humanidade

Há duas grandes concepções de tempo que englobam outras: a concepção cíclica, defensora da repetição de fatos históricos através do tempo, e a concepção linear, defensora de uma linha reta do tempo, onde o passado não se repetirá no futuro.

A concepção linear desvaloriza o passado, pois para ela nada acontecerá no futuro do modo como aconteceu no passado. É um pensamento evolucionista onde o passado é deixado de lado como algo inatingível e finalizado. É uma ideia favorável a futuristas e tecnocratas, defensores do presente e do "carpe diem", pois o que acontecer agora jamais se repetirá da mesma forma. A busca da velocidade passa a ser incessante, tornando o homem escravo de segundos marcados pela máquina. Essa concepção, então, torna o homem escravo do tempo.

A concepção cíclica, ao contrário, representa o tempo numa circunferência, onde de tempos em tempos volta-se para o mesmo ponto. Porém, essa circunferência não é exata, senão poderíamos prever o futuro conhecendo o passado. Ela é torta, pois os fatos não se repetem completamente iguais, havendo, às vezes, grandes mudanças. Ela também é remodelável, pois os fatos do passado podem ser extintos e novos podem ser adicionados à ela. Caso ela fosse rígida e perfeita, o homem também se tornaria escravo do tempo, assim como na concepção linear.

A concepção cíclica é a mais correta pois é a mais próxima do real. A história costumadamente se repete, mas com algumas diferenças, como pode ser percebido no Calvário bíblico no século XV e no século XIX, e nas artes clássicas da Antiguidade e no Renascimento. O estudo do passado é importante para a humanidade tentar evoluir, corrigindo erros anteriores e mantendo os acertos no futuro. O homem passa a agir mais racionalmente e a controlar o tempo.

As concepções de tempo foram construídas pela mente humana, logo, não há nenhuma que sirva como verdade universal. Por isso não se pode impor uma a toda sociedade, evitando, assim, a degradação do pensamento do indivíduo em favor do pensamento de massa, que teria um resultado negativo para a evolução da humanidade.

O Tempo como Instrumento do Homem

KARL MARX, NO SÉCULO XIX, JÁ DUVIDAVA QUE O PROGRESSO TECNOLÓGICO TRANSFORMARIA O TEMPO EM UM ALIADO DO HOMEM EM SUA ETERNA BUSCA PELA REALIZAÇÃO PESSOAL, E A HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA NÃO DEIXA POR MENOS: SE ATUALMENTE PRODUTIVOS, POR DIA, 10, 20, OU 50 VECES MAIS DO QUE HÁ 100 ANOS ATRÁS, USAMOS O TEMPO QUE SOBRA PARA PRODUIR AINDA MAIS.

O HOMEM DESANDEU COM O TEMPO UMA RELAÇÃO DE "AÍLA" E CÍRCO: "AÍLA" QUANDO, NO ATO DE BUSCAR O AÍDO CONHECIMENTO, RECORRE AOS TEMPOS PASSADOS, REVOLVENDO PAÍS, PARA IDENTIFICAR SUAS ORIGENS, SUAS TRAJÉGIAS E SUA CULTURA. O "CÍRCO" PODE SER DEMONSTRADO PELOS POETAS QUE, ATRAVÉS DO "CARPE DIEM", CANTAVAM O SENTIMENTO DE FUGACIDADE DA VIDA, UM SENTIMENTO INCOMODO E QUE IMPRIMTE EM TODOS NÓS A IDEIA DE QUE O TEMPO É IMPACÁVEL.

HERBERTO LINHARES, EM SEU DEPOÍMENTO, DEMONSTRA ESSE SENTIMENTO DE QUE O TEMPO NÃO PÉLDOA, NÃO ESTRELA, SIMPLEMENTE PASSA. SEGUNDO ELE, QUEM NÃO ACOM-
PANHÁ O RÍTUO IMPOSTO PÉLO TEMPO ACABA INEVITÁVELMENTE ATÍLASHADO, INTELIGIZADO E MARGINALIZADO, E NOS FAZ LEMBRAR Á LEI NATURAL DE DARWIN, SEGUNDO Á QUAL SÓ OS MAIS FORTES SOBREVIVEM. NO CASO, MAIS FORTES SÃO AQUELES QUE ACOMPANHAM O CANTARAL DO TEMPO.

CÍRICO DUARTE, POR OUTRO LADO, DEFENDE UMA ~~posição~~ ANULAÇÃO LINDOS IMEDIATISTA DO TEMPO. EM SUA VISÃO O TEMPO PASSA, SIM, SEM LÍVIAL OS SERES HU-
MÁNSOS OU AS COÍDAS - COÍAS MATEMÁIS - DE SUA AÇÃO ~~ANULADORA~~ ANASSHADORA. PO-
RÉM, NESSE TERMO, O TEMPO GANHA Á PRIVÍLEGIO DE BEER OS SENTIMENTOS, QUE SERÍAM INERENTES AO PÍMPIO TEMPO, E ESTE OS "EMPRESTÍLIA" ADO HOLENS.

O PÓND DE VISTA DO HISTORÍADRE ENIC HERBÁUN, POR SUA VEZ, DEMONSTRA O PÓBER
SE-
QUE OS HOMENS TÊM DE MANIPULAR O TEMPO - NO USO Á HISTÓRIA - DE ACORDO COM AS SUAS
NECESSIDADES. O ESCRÍDRE DEMONSTRA COEÍLÉNCIA COM OS ACONTECÍMÉNTOS ATUAIS, ENTÉ-
EM UM MUNDO ONDE CADA VEZ MAIS O NOSSO TEMPO, Á NOSSA # HISTÓRIA, É
CONTADA DE ACORDO COM INTERESSES POLÍTICOS E ECONÓMICOS. É COMO Á HISTÓRIA
HISTÓRIA É CONTADA PELOS VENCEDORES, Á HUMANIDADE SOBRE Á AMEÁÇA DE SE
CALUAR, FUTURAMENTE, EM BASES FALSAS - NOTEMOS Á GUERRA DE INFORMÁÇÃO NO ÍLACRE.

EM SÍMMA, SEJA MANIPULANDO, TENENDO O ATRIBUÍDNO - LÍE CARACTÉRÍSTICAS,
O HOMEM TENTA ~~PREVENIR~~ ATENUAR OS EFEITOS DO TEMPO EM SEU MEO, E, PRÍNCÍ-
PALMENTE, EM SEU INCONSÍLÉRE.

A maneira como o homem vive e se organiza tem relação direta com o modo como nós encaramos o tempo. A importância que damos ao passado, ao presente e ao futuro é fundamental para a compreensão da nossa sociedade e do mundo em que vivemos.

Existem aquelas pessoas que se pentem pelas experiências deixadas pelos que viveram antes de nós. Eles acreditam que não é possível compreender o presente sem que se dê a devida importância ao legado dos nossos ancestrais. Somos a ponta de um evolução de milhares de anos; somos a consequência direta das decisões dos grupos humanos que nos precederam. A partir dessa ideia, o futuro será consequência direta dos nossos atos. Essa concepção de tempo pode ser, para muitos, arcaica, pois ela implica em uma carga de responsabilidade para com o futuro que ~~é~~ ^é uma boa dose de consciência.

A sociedade ocidental ~~que~~ ^{na} qual vivemos parece cada vez mais distante desta concepção de tempo. Cada vez mais vivemos o imediato, o imediato, o "aqui e agora". A velocidade proporcionada pela tecnologia reforça esse ponto de vista, que prioriza o presente. Na nossa sociedade global e capitalizada, nós não mais nos interessamos pelo passado; buscamos no presente a solução para os problemas do presente. É uma ideia mais confortável do que a primeira, pois o futuro deixa de ser nossa responsabilidade e é "abandonado" àqueles que ainda nem nasceram.

Porfin existem aqueles que se baseiam no futuro, mas não no sentido de construí-lo, mas de "deixar acontecer". Esse "laissez-faire" implica em um total abandono das preocupações com o passado e com o presente. É uma concepção de tempo que tende, no entanto à estagnação, ao conformismo. Quem vê o tempo a partir deste prisma considera que o mundo segue independentemente de nós, regido pelo destino ou um "força maior" qualquer.

Embora seja o modo de encarar o tempo que mais traga responsabilidades ao homem, é fundamental aprendermos com os erros e acertos da humanidade no decorrer da história, para não repetir os erros e usar os acertos. Visar apenas o "já" ou ignorar nossa influência na construção da realidade pode ser extremamente nocivo à humanidade. O homem deve saber usar as lições da história para impor limites aos seus atos permitindo que a humanidade prospere com prosperidade.

De longa data vem o estudo do tempo e a constante preocupação de que de nós vença de forma única. O tempo, diferentemente do que nos faz sentir uma destas terças modernas, de algum domingão de verão, é fragmentado e possui diferentes velocidades. Exemplifico: na celebre pintura de Américo sobre a Independência Nacional podem-se contemplar dois ao menos três tempos. Um primeiro, o tempo energético, vibrante, instável dos eventos do cotidiano político, no qual o Príncipe tinha de brindar a espada e lançar o famoso grito, um segundo, em que se pensa sobre aquele ano de 1822, com o costume das mesas de uma sociedade de corte e a marcha das damas e dos cavalheiros, tem por este mais composto do que o primeiro, e, por fim, um tempo, este sim de felizes minutos mais, o tempo dos sonhos e dos técnicos presentes naquele caso de bordo camponês que, inerte, assiste ao magnífico evento. Tinha o primeiro tempo logrado alterar o tecido? Tinha o famoso brocado alterado o tempo, o ritmo e sobretudo o "telex" de produção daquele camponês?

Hobbes, Linhares e Chico Buarque também estão a nos expandir e a nos diferenciar os diferentes tempos e suas diferenças. Ainda que invariavelmente Linhares esteja a fazer referência ao tempo energético e vital do cotidiano. Chico, no outro extremo, celebra o tempo, quase atemporal, dos sentimentos universais, o tempo de criação dos mitos e das eras, de longa história e do submundo de uma Atlântida.

Machado também, sobretudo, o tempo celebrado por um Hobbes. Neste, o cotidiano, diferentemente do que se possa imaginar, à primeira vista, tem um e contém plêdo. Ao inovar, o ritmo frenético de grandes modernidades, o sublinhar e desenhar dos índices de bolsa de valores, a apologia da velocidade ultrassônica e da energia nuclear, tudo pode realmente celebrar. No entanto, para que isto ocorra, impetuoso se fez, como acontece o próprio historiador, fazer do tempo longo o interconector e a medida do certo. Tornante neste dialético inquiridor se captura o presente e se instrumentaliza o próprio para os objetivos almejados para o futuro.

O tempo proposto por Hobbes é o "meta-tempo", o tempo que se questiona a o próprio, o tempo do homem alçado à sua humanidade máxima, aquele do homem que se fez consciente de si mesmo enquanto agente social, construtor de identidade e de sua própria história. Neste tempo, aquele camponês dos horizontes estava a apostar para questionar o alcance e a autenticidade daquele brocado. Neste tempo, mesmo o mais fanático e crítico dos tecnocratas teria que reconhecer que somente no dialético do tempo é que se insinua o entendimento histórico e que num tempo é hoje e é já, que mediano e não pode ser eterno e que o que parece extremamente sólido hoje ensaiar-se em direção do amanhã.

O tempo de cada um, cada um a seu tempo.

Talvez uma das maiores conquistas da humanidade em sua evolução dos cavernos à sociedade moderna seja o conceito de tempo. Com a ideia de passagem do tempo está a ideia de evolução, de mudança, de expectativas que não, de lembranças do que já veio. A concepção de tempo nos diferencia dos demais elementos da natureza — animais, vegetais, seres inanimados em geral, todos estes vivem em um cotidiano atemporal, perene, interrompido apenas com a morte (para os seres vivos) e a destruição. O homem consciente do tempo é consciente de sua mortalidade, de sua condição efêmera, e talvez por isso busque a cada momento modificar o mundo que o rodeia e interagir com seus componentes. Talvez seja o próprio tempo que nos faz verdadeiramente humanos.

Por ser o tempo um conceito humano, tantos existem quanto os seres que o concebem. Para uns, tempo é história, aprendizado com as experiências passadas, referencial para nossa compreensão do mundo; o tempo de Hobbskawn, crítico, analítico, manancial de conhecimentos. Para outros tempo é instante, presente, efêmero e dinâmico como os homens que nele vivem, é hoje, é agora, sem maiores divagações; o tempo de Heriberto, fugaz e irreversível. Alguns, por fim, vêem o tempo com olhos contemplativos, num amanhã sem pressa, por ser inevitável. Tudo chegará um dia, como o amor da canção de Chico Buarque. Nada é pra já, e certas coisas serão o que são, não importa em que época. Certas coisas desafiam o próprio tempo.

A verdade talvez reside nos versos do músico. O tempo, surgido para dar um sentido à existência humana, acabou por escravizá-la. O homem moderno é refém do tempo, seja ele passado ou presente. Sem perder tais tempos de vista, poderia ser mais interessante voltar os olhos para o futuro, aguardar sua chegada com ~~total~~ calma, e dele desfrutar quando tornar-se presente e dele recordar-se quando virar passado. Seria um resgate à seriedade dos eros atemporais, sem descurar do progresso e da necessidade de mudar que a ideia de tempo traz ao homem.

Não se afobem, não, que nada é pra já.

Sobre fios e retalhos de tempo

Definir o tempo e suas características sempre foi um dos maiores desafios das várias civilizações humanas. Mesmo a visão ocidental dessa questão (cuja característica marcante, em relação ao pensamento oriental, é a linearidade do tempo), é bastante ampla: existem os historicistas, embarcados no ideário hegeliano, que procuram no passado o entendimento do presente; os pós-modernos, que valorizam sobretudo as rugueiras do presente e suas rápidas transformações; e, finalmente, aqueles que entendem o tempo como um tecido que, constantemente modificado, ~~mantém~~ mantém em sua composição, pela eternidade, os mesmos fios.

Ao analisar essas três concepções de tempo, conclui-se que o historicismo é a antítese do imediato pós-moderno; enquanto este prega a total independência entre presente, passado e futuro, aquele estriba os três em um laço indissolúvel. A terceira concepção, por sua vez, aposta o um tempo na rigidez estrutural e no retalhamento da forma.

O cérebro humano, limitado a uma interpretação dialética do mundo, parece discordar tanto do historicismo quanto do imediatismo. Os mecanismos de pensar humano trabalham em significado, ou seja, a essência metafísica das ideias, e ~~as~~ transformam-na em um significante, um símbolo mundano; ou, então, fogem o processo inverso, no tentativa de abstrair de um signo algum significado.

No entanto, a interpretação simbólica é de caráter individual, ao passo que a concretização das ideias individuais são os constituintes da coletividade. Estudar apenas a rigidez do mundo, ou seja, o aspecto coletivo do humano, assim como estudar somente os símbolos abstratos do presente, significa limitar a cosmologia do tempo e de suas características.

A efemeridade do indivíduo no plano ~~tempo~~ temporal da realidade impossibilita o entendimento absoluto do dever do tempo. Entretanto, como além do que é impossível é talvez a única razão de ser do indivíduo. Sendo assim, deve-se sempre criar novos métodos de entendimento, terceiros vias para o conhecimento. A forma do tempo é, e sempre será, confusa aos olhos humanos, mas, se o novo intento é enxergá-la mais nitidamente, devemos construir lentes metodológicas para ambos os olhos: o do indivíduo e o do coletivo. Assim, entenderemos um pouco mais acerca dos fios e retalhos de tempo, do mundo e também dos nossos próprios olhos.

"Não tenho tempo para falar do Tempo!"

Nos dias de hoje, nossa vida é dominada por pelo menos uma de nossas criações: o tempo. Contudo, em um dado abstrato e referencial imprescindível, em função da qual as mais variadas atividades que desenvolvemos são organizadas. Diversos estudos de fronteira entre a antropologia e a história destacam o aspecto cultural da percepção da passagem do tempo, e que contrasta com a naturalização das horas, minutos e segundos do mundo contemporâneo. A discussão acerca das mais variadas concepções de tempo que se encontram nas entrelinhas dos discursos com os quais nos deparamos cotidianamente é fundamental no sentido de promover um entendimento mais aprofundado desse discurso, e de promover o estabelecimento e reconhecimento de alguns dos elementos característicos do nosso próprio modo de vida, historicamente determinado.

Podríamos identificar aqui três concepções que permeiam os mais variados discursos no mundo contemporâneo: as concepções de tempo contínuo, descontínuo e a que combina ambas. Podemos atribuir a primeira aos glosólogos e aos apologistas do fim da história, para os quais há processos e sentimentos que se conservam "ad eternum": o amor eterno registrado numa carta murmurada que, milênios depois, não deixa quem viva em interação aquele sentimento. Por outro lado há a concepção de tempo descontínuo, que pode ser atribuída aos apologistas do relativismo absoluto, que isolam artificialmente processos limitados em eventos discretos: os recentes descobertas científicas no campo da cosmologia, da nanotecnologia, e de tantas outras tecnologias, por exemplo, são vistas como resultados isolados, de processos isolados, sem conexão alguma. Perde-se de vista inclusive o próprio sentido da pesquisa científica e do avanço tecnológico, que ocorre muitas vezes em detrimento da melhoria dos índices de vida e trabalho de amplos setores da população.

A primeira noção de tempo, acredito, é aquela daqueles que adotam uma postura utópica e idealista diante do mundo que os rodeia, fundamentando a permanência eterna das coisas, acomodando-as. O segundo se aplica a um modo de vida descartável e a uma visão de mundo estranha e relativista - muito adequada ao mundo contemporâneo. Acredito que devemos compreender o tempo, o processo histórico, tanto em suas continuidades quanto em suas rupturas. É a isso que a ciência deve dar seu posto e serviço: a desvendar essas conexões e a relativizar aqueles processos sociais que condicionam a nossa existência (a morte do tempo, por exemplo), contribuindo para que sejam garantidos as condições objetivas necessárias ao livre desenvolvimento de nossas potencialidades nos mais variados campos de atividade humana.

Vivemos num tempo em qual o passado é dispensável, o presente é falsamente vivido e o futuro é descharacterizado de sua poesia.

Hoje conhecer o passado para melhor compreender o presente, logo ter uma melhor visão do futuro, não é estimulada, pois aquele que conhece a História torna-se um chato contestador, tão inconveniente para a atual cultura da alienação do racionalismo cínico que nos cerca e que a tudo cobra uma lógica baseada em cifras.

Hoje viver o presente é se submeter à ideologia do "tempo é dinheiro". É estar constantemente se atualizando, desesperadamente se reciclando, passivamente se conformando com sua condição de condenado ao trabalho ingrato que mais cobra do que retribui. O presente é sacrificado em prol de particulares, estes sim soberanos do seu presente. Aquele que sacrifica o seu presente para o benefício de outros poderia ingenuamente pensar: "ao menos o meu esforço será recompensado no futuro". Mas qual futuro? Apenas um futuro patético lhe espera, no qual ele estará velho, doente, recebendo uma aposentadoria indigna, além da insupportável frustração de olhar para trás e ver a vida medíocre que teve, longe de si mesmo, dos familiares e amigos, em favorcimento a interesses elheios.

Hoje o futuro utópico e poético é considerado parte do passado, é "jurássico". São desencorajadas todas as sugestões para um mundo alternativo e melhor. O único amanhã possível é o do progresso desenfreado, mesquinho e irresponsável que apenas beneficia uma minoria em detrimento do resto. As utopias foram enterradas e o ambiente propício para o surgimento de novas são constantemente ridicularizadas quando não combatidas ferrenhamente a ponto da educação ser considerada não mais uma ferramenta de inclusão e transformação social, mas sim um meio para atender às necessidades do racionalismo que nos domina.

Para termos um passado mais glorioso, um presente mais gratificante e um futuro mais esperançoso, é necessário conhecermos a História. Somente por meio dela encontraremos as causas da atual configuração do mundo, assim como consequentemente teremos a base necessária para combater a atual ideologia hegemônica. Assim como oferecer ao mundo novas utopias, novas esperanças.

O presente como a principal fase de nossas vidas.

A relação do homem com o tempo foi, e, ao que tudo indica, sempre será, marcada pela dúvida e pelo constante questionamento. Foi no século quinto, Santo Agostinho, em sua grande obra "Confissões", abordava o tema do presente que já foi futuro e que será passado. Isto só para lembrar, de maneira sintética, uma das principais questões que o homem faça respeito. Outro ponto fundamental nessa ~~seleção~~ ~~eleuma~~ é a importância dispensada a estes três elementos do tempo pelo ser humano. Alguns valorizam o passado, como Eric Hobsbawm que, historiador como é, vê no ~~passado~~ nele uma preciosa maneira de se entender o presente; outros, como Herberto Linhares, consideram o presente como o elemento principal de nossas vidas, não sendo nele quaisquer relações com o passado ou o futuro; entretanto, também há quem veja no futuro a hora e a vez, vez de grandes feitos serem realizados, como, por exemplo, Chico Buarque, que em sua música "Futuro Amante" ensaia no futuro a consumação do amor.

Percebe-se, nas três abordagens, diferentes tratamentos às concepções preferidas: Hobsbawm considera o passado importante, mas não se esquece do presente, não se mantém preso ao que já foi; Linhares é intransigente em sua defesa do presente, visto que o desvincula do passado e do futuro; e Buarque tem uma visão poética do futuro, reforçando tal visão com fantasmas e repositição. Com isto, depreende-se que diferentes argumentações dependem de diferentes enfoques.

Considero a tese de Linhares a que mais corresponde à realidade, embora precise fazer algumas ressalvas no tocante à sua argumentação. Embora eu creia que o presente é a etapa principal em nossas vidas, acredito que precisamos do passado para compreendermos certos aspectos dele, e que o presente lance as sementes do que ocorrerá no futuro. Concordo com Linhares quanto à necessidade de vivermos o presente e acompanharmos suas mudanças, pois assim, não ficaremos presos ao que já se foi e nem faremos planos in realizáveis para o futuro; mas precisamos do passado para aprendermos com ele, e com o que ~~construímos~~ ~~hoje~~ construímos hoje, lançarmos as bases para um futuro digno.